

BestBolso

Nova Ortografia

MIRIAN GOLDENBERG

A Outra

a amante do homem casado



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



EDIÇÕES BESTBOLSO

A Outra

Mirian Goldenberg nasceu em Santos, São Paulo. Desde 1978 mora no Rio de Janeiro. É antropóloga e professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escreveu *Toda mulher é meio Leila Diniz*, *A arte de pesquisar*, *Os novos desejos*, *Nu & vestido*, *De perto ninguém é normal*, *Infiel: notas de uma antropóloga*, *O corpo como capital*, *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade* e *Noites de insônia*. A autora tem orientado dezenas de pesquisas nas áreas de gênero, corpo, envelhecimento, sexualidade e novas conjugalidades na cultura brasileira.

MIRIAN GOLDENBERG

A Outra

a amante do homem casado

Edição revista e atualizada

EDIÇÕES

RIO DE JANEIRO – 2009

G566o Goldenberg, Mirian
A Outra [recurso eletrônico] : a amante do homem casado / Mirian Goldenberg. – Rio de Janeiro : BestBolso, 2011.
Recurso Digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7799-380-2 [recurso eletrônico]

1. Amantes. 2. Mulheres – Condições sociais. 3. Relações homem-mulher. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

11-6395 CDD: 305.48
CDU: 316.346.2-055.2

A Outra: a amante do homem casado, de autoria de Mirian Goldenberg.
Título número 122 das Edições BestBolso.
Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Copyright © 1997, 2009 by Mirian Goldenberg.

www.edicoesbestbolso.com.br

Site oficial da autora: www.miriangoldenberg.com.br

Design de capa: Carolina Vaz

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil em formato de livro eletrônico adquiridos pelas Edições BestBolso um selo da Editora Best Seller Ltda.
Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7799-380-2

Sumário

Apresentação

Introdução

Parte I: *As Outras*

1. É melhor ser a *Outra* do que a esposa traída
2. Não foi opção ser a *Outra*
3. Não quero um homem com uma matriz
4. Não tenho vocação para amante
5. Só nos resta fugir
6. Um compromisso diário com o prazer
7. Eu quero ser a esposa dele
8. A verdadeira *Outra* é a esposa dele
9. Ser ou estar a *Outra*: passageiras, transitórias ou permanentes
10. Quem é a *Outra*?

Parte II: *A Outra* em família

1. A família da *Outra*
2. O olhar da família: Ela (não) merece ser a *Outra*
3. O olhar da *Outra*: Minha pequena história errada
4. O olhar do homem casado: Minhas duas mulheres
5. Ser (ou não ser) a *Outra*

Considerações finais

Referências bibliográficas

EU SOU A OUTRA

Música e letra: Ricardo Galeno

Gravação: Carmem Costa

Ele é casado
E eu sou a Outra na vida dele
Que vive qual uma brasa
Por lhe faltar tudo em casa
Ele é casado
E eu sou a Outra
Que o mundo difama
Que a vida ingrata maltrata
E sem dó cobre de lama

Quem me condena
Como se condena uma mulher perdida
Só me vê na vida dele
Mas não o vê na minha vida

Não tendo nome
Trago o coração ferido
Mas tenho muito mais classe
Do que quem não soube prender o marido

Apresentação

Gilberto Velho

Este livro é uma contribuição original e inovadora no campo das Ciências Humanas no Brasil.

Mirian Goldenberg realizou pesquisa com entrevistas sobre identidade feminina, tomando como referência uma situação de transgressão. O papel da *Outra* tem sido, dentro de nossa cultura, marcado pela ideia de pecado, mobilizando acusações e discriminação. Há sinais evidentes de que essa experiência é bem mais comum do que a moral oficial faz acreditar. Na realidade, este trabalho relativiza a própria categoria *Outra* ao analisá-la e contextualizá-la.

No meio investigado pela autora, os padrões e valores mais convencionais têm sido criticados na teoria e na prática. Não se trata, evidentemente, de alguma média representativa dos costumes e comportamentos da mulher brasileira. São pessoas de nível educacional mais elevado, politizadas e com uma visão crítica dessa moral tradicional. Expressam em seus depoimentos os aspectos mais ou menos dramáticos de suas experiências e opções. Pela sua clareza e franqueza, trazem dados preciosos para melhor compreensão das trajetórias de mulheres que vivem em período turbulento, de óbvias transformações no campo da moral, das relações amorosas e da família.

Este material só poderia ter sido coletado por uma pesquisadora dedicada e sensível. Ao analisar seus dados, Mirian Goldenberg levanta questões que abrem caminho para novas pesquisas. Como todo trabalho pioneiro, este terá, forçosamente, desdobramentos.

Introdução

Representada como vilã, mulher fatal e perigosa, ameaça aos lares felizes e à família, a *Outra*, a amante do homem casado, é um personagem muito presente na vida de cada um de nós, e, também, em romances, filmes, peças de teatro, novelas da televisão brasileira. Verdadeiras ou não, essas representações tornam a *Outra* um ser misterioso e profano, encoberto por enigmas e máscaras, que pode a tudo e a todos contaminar. É a mulher pecadora, desobediente a Deus e aos valores da sociedade, que deve permanecer escondida (ou ser destruída) para não macular a pureza das virgens e das esposas fiéis. Seu destino é sempre infeliz: a morte ou a velhice solitária, como a cigarra que apenas cantou no verão. Para as formigas, para as esposas que cuidam com amor e sacrifício da moral familiar, restam as benesses sociais: os filhos, os netos, o amor eterno do marido.

Odiada ou invejada, a *Outra* permanece oculta. Sem possuir a identidade principal da mulher em nossa cultura, a de esposa e mãe, esconde-se atrás de outros papéis.

Proponho, com este estudo, revelar quem é a *Outra*, por meio da discussão de questões como gênero, casamento, família, sexualidade, infidelidade, desvio e estigma. Busco compreender esta situação como um fato muito presente na cultura brasileira. Acredito que, para esta compreensão, é fundamental conhecer os demais personagens deste drama (o marido traidor, a esposa traída, a família, os amigos, os colegas de trabalho), mas, neste livro, irei me preocupar em decifrar a *Outra*.

Por aqui vou ficando, sem muitas certezas ou hipóteses, mas com muitas indagações. Deixarei as *Outras* responderem e falarem um pouco sobre os seus sofrimentos e prazeres.

Parte I
As Outras

Entrevistei oito mulheres que foram ou são amantes de homens casados. Eu as conhecia anteriormente às entrevistas, o que facilitou, sem dúvida alguma, a disponibilidade para falarem sobre uma situação que, em geral, é mantida oculta.

As entrevistas foram gravadas, tiveram de duas a quatro horas de duração e foram transcritas por mim, para evitar que qualquer outra pessoa tivesse acesso aos depoimentos. Procurei retirar todos os elementos que pudessem identificar a entrevistada e outras pessoas envolvidas. Esses cuidados não foram, nenhuma vez, solicitados pelas entrevistadas, que se mostraram surpreendentemente abertas com relação a todas as perguntas feitas.

Quero enfatizar que estou trabalhando com uma elite em termos socioeconômicos e intelectuais. As *Outras* pesquisadas são mulheres universitárias, de classe média, que têm um pensamento crítico bastante elaborado a respeito da sociedade e do casamento, em particular. Algumas são ou foram militantes políticas de esquerda. Quase todas fizeram terapia psicanalítica em algum momento de suas vidas. Todas são de família católica, mas declaram-se não religiosas. Cinco são separadas e três, solteiras. Três têm filhos. Seis entrevistadas afirmaram que tiveram relações sexuais com até dez homens diferentes, uma com dois e outra com “centenas”. Trabalhei com mulheres de diferentes gerações, tendo em vista uma perspectiva comparativa no momento da análise.

Para a análise que irei realizar, classifiquei as entrevistadas em quatro grupos (A, B, C e D). A seguir, os nomes (fictícios) de cada uma, de seus amantes e o tempo da relação:

A	Aurora (26 anos)/André (36 anos)	3 meses
	Ângela (25 anos)/Álvaro (30 anos)	10 meses
	Augusta (37 anos)/Arthur (33 anos)	1 ano
B	Beatriz (37 anos)/Bruno (39 anos)	10 meses
	Berenice (37 anos)/Breno (52 anos)	1 ano
C	Carla (41 anos)/César (39 anos)	9 anos
D	Denise (50 anos)/Dênis (60 anos)	14 anos
	Débora (63 anos)/Décio (80 anos)	40 anos

1

É melhor ser a *Outra* do que a esposa traída

Aurora viveu uma relação de alguns meses com André, um homem casado há 10 anos. Apesar de breve, a relação foi muito intensa. Aurora não queria um envolvimento maior e muito menos que André se separasse da esposa.

Ela critica veementemente o casamento de André, que, para ela, reproduz o casamento insatisfatório de seus próprios pais. Conta que seu pai teve várias amantes, o que gerava muitas brigas com a mãe, que, para não perder o marido, acabava aceitando a situação. Critica a mãe por ter parado de trabalhar e justifica o fato de o pai “ter todos os motivos do mundo para ter a *Outra*”. Acha que a mãe contribuiu, e muito, para “que fosse necessário ele buscar uma *Outra*”.

Aurora teve vários namorados e acredita que acabou reproduzindo o modelo tradicional de relacionamento, da mulher submissa, calada com relação aos próprios desejos, que aceitava que o namorado tivesse *Outras*. “Eu sabia que eram coisas provisórias. A namorada verdadeira era eu.” Depois da relação com André, passou a fazer uma série de questionamentos a respeito da vida a dois.

O que é uma vida a dois? O que é um casamento? É possível você amar uma pessoa e não construir uma rotina com ela? A rotina sempre acaba destruindo o amor? É possível construir um casamento de outra forma? Como é estar no mundo com uma pessoa e ao mesmo tempo ser independente?

Aurora considera ser uma escolha consciente o fato de não ter se casado até hoje. Ela se recusou a casar com um ex-namorado e escolheu romper com André quando o relacionamento prometia se consolidar. As duas relações terminaram “porque a transa de cama não era muito boa”. Além disso, aponta o cerceamento de sua liberdade, o afastamento dos amigos e uma falta de crescimento individual como fatores que a fizeram romper um namoro de 4 anos. A necessidade de uma abertura maior para o mundo, de conhecer novas pessoas e de ter novas transas foi decisiva para o rompimento.

No início do relacionamento com André o que mais pesou para Aurora foi a troca intelectual e a afetividade. O fato de ele ser casado fez com que ela refletisse sobre a necessidade de possuir o ser amado.

Não é uma relação como as outras, porque ele é casado e isso envolve a certeza de que eu não sou dele e ele não é meu. A gente é só da gente mesmo e isso é muito doido. Como é que você vai ter uma relação com uma pessoa que você já sabe desde o início que não é sua?

De um lado, a dificuldade em se relacionar com um homem que pertence a outra mulher. De outro, a possibilidade de construir uma identidade própria sem ter como referência a identidade do parceiro.

Estar com este cara envolve em primeiro lugar eu ser eu, independente dele, pois ele não é meu e eu não sou dele. Antes de estar com ele, tenho que ser eu, a gente não tem a possibilidade de se misturar, de se confundir. Não é à toa que estou transando com um homem casado neste momento da minha vida. É a forma que encontrei de conseguir transar com uma pessoa e ao mesmo tempo preservar a minha individualidade.

Aurora quer ter uma relação amorosa em que possa manter sua liberdade e individualidade. Ela acredita que foi a *Outra* para fugir do papel de subordinação que lhe está reservado em outro tipo de relacionamento mais tradicional. Sendo a *Outra*, pode ser ela mesma, o que nunca conseguiu nas relações anteriores. Pode falar dos seus desejos, ser livre e independente, construir uma vida própria, sem se misturar com o que o amante fala, pensa e deseja.

Aurora considera esse relacionamento apenas um exercício passageiro e espera encontrar um homem que não seja casado, com quem possa ter “uma transa nos mesmos moldes, preservando a minha individualidade”.

Aurora acredita que em certos momentos da vida de uma mulher o homem impossível é o mais conveniente de todos. Para ela é uma vantagem relacionar-se com um homem casado porque ela pode ser “o mais livre e independente possível”.

Aurora aponta as desvantagens de se relacionar com um homem casado.

O principal problema é o fato de ele ter todos os vícios de uma relação de 15 anos com outra mulher, com todos os desgastes que isso implica. A trepada é algo sem criatividade e desejo.

Em seu discurso aparece uma tensão entre o desejo de ser “eu mesma” e o de possuir o amado. Ter que se esconder, não poder telefonar para a casa dele, esperar a disponibilidade dele para se encontrarem foram também apresentados como problemas desse tipo de relação. Aurora, apesar desses limites, tem medo que André se separe da esposa.

Eu quero casar, ter um companheiro. Não é casar de véu e grinalda. Mas talvez eu precise estar mais desvinculada deste modelo tradicional de casamento para poder aceitar com mais facilidade que ele se separe e a gente fique junto, porque senão tem toda a culpa de ter destruído um casamento.

Apesar de racionalmente achar que ninguém destrói o casamento de ninguém, ela assume o papel da mulher perigosa e ameaçadora, internalizando as acusações que a *Outra* sofre. Por este motivo, Aurora não contou para os pais e colegas de trabalho que namorava um homem casado. Apenas os amigos mais íntimos sabiam da existência dessa relação.

Aurora diz que não está preparada para aceitar os preconceitos e acusações das pessoas, já que

também se sente cheia de preconceitos e conflitos com relação a essa situação.

No caso da minha família, tem uma história de identificar mulher que transa com homem casado com prostituta. Foi assim que minha mãe chamou as amantes do meu pai toda a vida. E também como uma pessoa destruidora de casamentos. Eu tenho medo de ser desrespeitada pelas pessoas que não são minhas amigas. Quando eu tinha 16 anos, e transava com um namorado, meu irmão me chamava de prostituta por toda a casa.

Ela demonstra grande preocupação em não perder o amor e a aceitação dos pais e das pessoas que a cercam. Sua mãe gostaria de vê-la casada, com filhos, com uma família feliz, e não amante de um homem casado.

Aurora justifica o fato de André ter uma amante como uma necessidade de preencher uma falta existente em seu casamento. Ela diz que prefere ser a *Outra* do que a mulher traída, que não consegue preencher todas as necessidades do marido.

Ela se queixa do fato de André buscar uma situação cômoda. Ele quer ter a esposa que fornece a segurança e estabilidade familiar e, também, a namorada que preenche o espaço da paixão, do desejo, do prazer, da troca intelectual de forma descompromissada. Ela acha que André não quer conciliar estes dois lados numa única mulher, como ela gostaria de conciliar num único homem. Fala de André como o típico macho brasileiro que dissocia a mulher da casa da mulher da rua, a santa da puta, a mulher para ser a mãe dos seus filhos da namorada para ter prazer sexual.

A esposa é representada como uma mulher com faltas, desvalorizada, principal responsável pela necessidade de o marido buscar uma *Outra*. A culpa não é do marido traidor, mas da esposa traída.

Tem alguma coisa no casamento dele que não é legal para ele. Não é à toa que ele está transando comigo. Eu não queria ser a mulher dele porque eu não gostaria que existisse uma *Outra* na vida de um cara com quem eu estou transando. O dia em que eu descobrir que existe uma *Outra* na vida do meu cara é o momento de eu parar e ver: que mulher sou eu? Eu prefiro ser a *Outra* do que ser a mulher do marido que tem a *Outra*.

2

Não foi opção ser a *Outra*

Ângela é a entrevistada mais jovem: 25 anos. Já foi casada e tem uma filha de 6 anos. Estuda, não trabalha, mora com a filha e é a única totalmente dependente do pai. Conhece Álvaro desde criança.

Ele é meu primo em quarto grau. Os pais dele são primos da minha mãe. Ele mora no interior do Rio de Janeiro com a família. Nas minhas férias ou fins de semana, antes do início do nosso namoro, eu costumava me hospedar na casa do Álvaro e da mulher dele. Antes do namoro, nós éramos muito amigos, saíamos sempre para beber e conversar. Uma vez ele veio passar uns dias aqui no Rio, sozinho, e ficou hospedado no meu apartamento. Ficou aquela coisa de homem e

mulher, bem sensual. Aí que tudo começou.

O romance foi crescendo, viam-se todos os fins de semana e se falavam diariamente pelo telefone.

Era uma coisa muito quente, muito de pele, um namoro supergostoso. A gente só se encontrava porque estava muito a fim, não existiam obrigações. Depois da minha experiência de casada, luto para preservar minha liberdade e só fazer as coisas que realmente tenho vontade de fazer. Nada de obrigações no amor e no sexo.

O namoro durou um bom tempo sem problemas. Todo mundo da cidade sabia, mas ninguém dizia nada. Fingiam que não sabiam, inclusive a esposa de Álvaro.

Até que a mulher dele deu um grande escândalo e todos resolveram ver e ser contra. Todos já sabiam do namoro, inclusive os pais dele, e toleravam muito bem a situação porque o casamento dele já tinha dançado. Mas no momento em que a esposa decidiu descobrir foi um grande escândalo e fomos obrigados a romper.

Ângela passou a ser a *Outra* com a acusação feita pela esposa e aceita pela comunidade. Antes da acusação era “a namorada dele, era mais ou menos oficial, na nossa cabeça era”. Ela não aceita o fato de ter que se esconder ou mentir.

Eu não me sentia a *Outra* antes, não foi opção ser a *Outra*. Minha opção foi ser namorada dele, que por acaso era casado. Mas eu não era a *Outra*, não me sentia assim. Com o escândalo eu pensei: agora eu vou passar a ser a *Outra*, vai ter que ser muito mais escondido. Antes não era assim, a mulher dele não controlava, a gente estava junto sempre que queria.

Ângela condena a hipocrisia da comunidade da cidade, principalmente a dos pais de Álvaro, “que têm um casamento de merda”. Acredita que os preconceitos da comunidade, em especial das mulheres casadas, são frutos da insegurança e da ameaça que representa uma mulher jovem e solteira.

O fato de eu ser uma mulher jovem e solteira era muito ameaçador para as mulheres da cidade em que ele mora. Era olhada como uma prostituta. As mulheres se sentiam ameaçadas, porque, da mesma forma que eu estava com o Álvaro, poderia estar com os maridos delas. Já começavam a achar que eu era uma mulher de vida fácil.

Ângela demonstra preocupação com a acusação feita pela comunidade e a necessidade de ser aceita ao dizer que não está ameaçando o casamento de Álvaro, que já “tinha dançado há muito tempo”. Apesar de considerar seus pais, que são separados, muito avançados, “minha mãe casou dezenas de vezes”, nunca contou nada para eles sobre o namoro com Álvaro.

Ela critica Álvaro pela falta de coragem em assumir a verdade e separar-se da esposa, que não tem mais nada a ver com ele. A esposa aparece como uma mulher submissa, neurótica, sem vida própria, que não consegue ser a companheira ideal de Álvaro. É com Ângela que ele gosta de estar, transar, conversar, passear, fazer planos de vida.

Eu não tenho ciúmes dela porque eu, na posição em que ela está, preferiria mil vezes ser a *Outra* do que ser a número um. Na posição dela jamais quereria estar. Uma pessoa com quem você está todo dia, mora na mesma casa, mas sem nenhum interesse. Quando a gente se encontrava no fim de semana, ele ficava doido para me contar as coisas dele, porque com ela não tinha mais conversa.

Álvaro aparece como um “cara superlindo, supervivo”, Ângela como sua verdadeira companheira e a esposa “não é nada, a gente não conta com a mulher dele, acho que nem transam mais”.

Ângela diz que não quer casar, mas quer ter um companheiro, um namorado. Está num momento de resolver a própria vida, estudar, trabalhar. Quer alguém com quem possa compartilhar sua vida sem ter “que abrir mão das minhas coisas”.

Apesar de ter sido sempre fiel em seus relacionamentos, diz que não acredita mais em fidelidade.

Interesse e fantasia todo mundo tem. Eu não acredito que alguém possa viver eternamente com uma única pessoa, acho até que um outro relacionamento alimenta. Acho normal as pessoas terem outras, apesar de ser doloroso saber disso. Acho que se pode cometer infidelidade, mas sendo fiel, cometer infidelidade porque se teve instinto. Mas se você gosta muito da esposa, acaba voltando naturalmente. Eu, se fosse casada, ia ficar muito irada se meu marido tivesse um casinho, porque sou muito ciumenta, mas racionalmente iria entender que é uma coisa que acontece, se ele voltasse para mim. Com o Álvaro eu era a relação básica, com quem ele dividia todas as coisas. No fundo ela acabava sendo a *Outra* e não eu. Embora ela fosse a real, com quem ele gostava de estar era comigo.

3

Não quero um homem com uma matriz

Augusta foi casada duas vezes e nunca quis ter filhos. Teve um relacionamento de um ano com Arthur, mas “sempre segurando o freio de mão”, por ele ser casado. O importante “era o tesão, a atração sexual que pintou entre nós dois”. Sempre evitou um envolvimento maior apesar do que sentia. “Eu não podia construir nenhuma expectativa com relação a ele. Ele era casado, com filhos, e queria preservar isso.”

Problema com cara casado é você se sentir a *Outra*, ter o risco do envolvimento, entrar numa relação mais compartilhada, com mais expectativas, ele tendo uma outra mulher. Não é um problema moral, é afetivo mesmo. A relação não pode se desenvolver além dos limites dados. Se você gosta de um cara, quer ser importante na vida dele, quer aumentar seu espaço. Como vou disputar esse espaço se ele já está garantido para outra mulher?

A relação entre os dois nunca se consolidou, “mesmo quando nos encontrávamos assiduamente”. Sempre era Arthur quem a procurava. Algumas vezes, Augusta provocava encontros casuais nos locais em que os dois costumavam frequentar.

Vivíamos arrançando pretextos para nos encontrar, mas eu sempre evitei me envolver muito, claro! Ele até queria um compromisso maior e se entregou muito mais do que eu. Eu é que não queria um homem que já tinha uma matriz e que eu seria a filial.

Augusta levanta uma questão interessante ao falar de uma amiga que é a *Outra* há muitos anos: a possível cumplicidade entre a *Outra* e a esposa.

Tenho uma amiga que é a *Outra* há um tempão. O engraçado é que ela conhece a esposa do amante, conversam, se cumprimentam amigavelmente, parece até que gostam uma da outra. Tudo muito civilizado, respeitoso e maduro. Coisa de primeiro mundo. A mulher dele sabe de tudo e finge que não sabe. O marido fica na maior cara de pau conversando com as duas ao mesmo tempo, como se nada estivesse acontecendo. Parece até uma cumplicidade do tipo: fica de amante do meu marido, mas não o tire de mim. Se você ficar só de *Outra*, eu não vou causar nenhum problema. Eu não conseguiria, mas ela parece muito feliz. Até porque sabe que não está prejudicando ninguém. É um acordo entre os três envolvidos. Moderno demais para mim.

4

Não tenho vocação para amante

Beatriz nunca quis se casar ou ter filhos. Tem um relacionamento há 17 anos com um mesmo homem, que chama de marido, sua primeira e única experiência sexual até conhecer Bruno, há um ano. Ela morou com os pais e irmãos até os 36 anos, quando decidiu montar um apartamento com seu marido. Bruno é casado há 10 anos e tem dois filhos.

Beatriz é uma mulher bastante segura que investiu muito na carreira, sendo uma das profissionais mais bem-sucedidas em sua área. Ela e Bruno têm a mesma profissão. Beatriz tem dado uns “empurrõezinhos” em Bruno, realizando inúmeros projetos com ele, divulgando seu nome, já que ele não é tão conhecido quanto ela.

A iniciativa de se relacionarem afetivamente partiu de Bruno. Beatriz, um tanto assustada, demorou alguns meses para aceitar o envolvimento. Os dois têm planos de morar na mesma casa, de viajar para o exterior para estudar e de trabalhar juntos. No momento, estão resolvendo problemas práticos da separação, já anunciada aos seus cônjuges. Estão muito apaixonados e felizes, aproveitando ao máximo todo o tempo que têm para ficarem juntos.

Beatriz diz que sempre teve um relacionamento muito insatisfatório em termos afetivos e sexuais com o marido. “Em 10 meses de relação com Bruno eu trepei mais do que em 17 anos com o outro.” Afirma que sua relação com o marido sobreviveu tanto tempo por existir uma grande amizade e afinidade entre eles.

Ele tem 11 anos mais do que eu, mas aparenta muito mais. As pessoas em geral me perguntam se ele é meu pai. Sempre me causou constrangimento as pessoas pensarem que eu pudesse ser sua amante, por causa da diferença de idade. Em hotéis eu fazia questão de usar o sobrenome dele

para não dar ti-ti-ti. Se estou dormindo no mesmo quarto que ele, um homem muito mais velho, eu muito mais moça, eu passaria fatalmente por amante. Então eu deixava claro que ele era meu marido, porque por amante era a única coisa por que eu não queria passar.

Beatriz não consegue definir a relação que tem com o marido. “Eu o considero uma pessoa com quem estou há 17 anos, que me faz companhia como eu faço a ele. Eu cuido dele.” Ela revela seus próprios preconceitos com relação às mulheres que são amantes de homens mais velhos ao relatar situações que viveu com o marido. Busca encobrir o estigma da amante, passando-se por sua esposa.

Também não se assume como amante de Bruno, pois considera a situação transitória, cuja solução virá com o tempo.

Eu sei que estou sendo amante do Bruno, mas na minha cabeça é como se não fosse, me considero a namorada dele. Estou procurando uma solução para nós. É diferente você ser a amante de alguém, ter essa perspectiva, querer isso ou considerar essa situação provisória, transitória. Não tenho vocação para amante.

Beatriz demonstra conflitos com relação aos papéis que assume: namorada apaixonada, amante, esposa que trai o marido. Apesar de Bruno demonstrar que está apaixonado, ele não é seu.

Na realidade quem o tem é a esposa, de lei, de papel passado, de vida em comum. Tanto é que viajamos incógnitos, escondidos. Se a gente tem que se esconder é porque a situação não está regular, não é aprovada pela sociedade, pelas nossas famílias e nem por nós mesmos.

Considera-se fazendo algo errado, afirma que o que é verdadeiro é o que a sociedade considera legal. Internaliza a acusação de desvio, demonstrando o desejo de regularizar logo essa situação. Quer casar, pela primeira vez na vida, mesmo com medo de perder a liberdade que sempre teve. Ela diz que a relação com Bruno a preenche em todos os níveis: afetivo, sexual, profissional, intelectual.

Eu me sinto inteiramente feliz, não tenho a menor queixa. Nada me falta: conversamos muito, ele é meu companheiro em tudo, saímos, viajamos, trepamos muito. Completamente diferente do meu marido. Com o primeiro eu me sentia com um pai, velho, de quem eu deveria cuidar. Com o Bruno eu me sinto uma mulher com um homem de verdade. Não é um afeto de mãe e filho, é de homem e mulher. Pela primeira vez eu me sinto realmente mulher, tratada como mulher. Não é um afeto de amigo como eu tenho com meu marido.

Diz que pela primeira vez na vida quer que alguém tome conta dela: “quero que ele cuide de mim, pense por mim, cuide do meu dinheiro, que eu não tenha que pensar e resolver tudo.” Quer uma inversão de papéis, já que sempre foi ela quem resolveu todos os problemas do marido, da família e das pessoas que a cercam. É uma mulher de muita iniciativa e decisão, considerada pelos familiares e amigos extremamente prática e racional, totalmente realizada com seu trabalho. Deseja, nessa nova relação, assumir um papel “mais feminino, não por obrigação, mas por prazer”.

Me dá prazer fazer as coisas para ele e eu juro que ele gosta. Eu quero fazer coisas de que ele

goste porque estou investindo na relação. Gosto de cozinhar para ele, fazer o café, o almoço. É diferente você fazer as coisas porque tem prazer em fazer do que por obrigação, porque está estabelecido pela sociedade. Ele não exige nada de mim.

5

Só nos resta fugir

Berenice é separada e tem uma filha adolescente. Conheceu Breno ao ser contratada para um trabalho num local onde ele já trabalhava havia alguns anos. Começaram o relacionamento há um ano. Ela diz que foi demitida porque os seus chefes não aceitaram o relacionamento. Breno se demitiu alguns meses depois. Tentaram montar um escritório próprio, mas não tiveram sucesso. Ela diz que a esposa de Breno tem tornado a vida dos dois um inferno, fazendo com que ele pense até em se suicidar. Mesmo assim, ele não tem coragem de se separar. Berenice acha que é por causa dos filhos, dos bens e do medo que tem da esposa.

A mulher dele liga todos os dias para minha casa. Me xinga de puta, vaca, puta da Lapa, sem-vergonha, tudo que é baixaria. O pior é quando ela tenta falar com minha filha. Como minha filha sabe de tudo, desliga o telefone na hora. Só no ano passado troquei o número do telefone três vezes, mas ela sempre descobre. Já estive no meu prédio fazendo ameaças ao porteiro, no meu trabalho, é uma perseguição permanente. Não nos deixa em paz um só dia.

O caso de Berenice introduz um elemento novo: a violência sofrida pela *Outra*. Desde a perda do emprego até a violação da intimidade do lar e da família, a esposa faz tudo para afastar a *Outra* da vida de seu marido. Mesmo assim, Berenice não pretende deixar Breno, e espera que logo ele se separe. Aqui não são mais as discriminações sutis vividas pelas demais entrevistadas, são ameaças e violências concretas vividas diariamente.

As acusações voltam-se contra a esposa de Breno.

Ela é uma puta, uma vaca. Aquilo é um animal. Nunca vi pessoa tão nojenta, tão porca, tão baixa. Ela é uma criminosa, má, perversa. Nunca vi uma pessoa mentir tanto, chantagear tanto. Parece até que tentou se matar. Breno não acredita em mais nada dela, não suporta ela, não sei como ele não teve coragem de acabar com isso. Eu acho que ele tem medo dela. Ela é um terror, escreve cartas anônimas, pôs um detetive atrás dele. Ela fez uma puta macumba para mim e para ele, para atrapalhar nossa vida, e está conseguindo. Só nos resta fugir daqui.

A *Outra* acusa a esposa das mesmas coisas de que é acusada. É um círculo de acusações. A fuga aparece como única solução para evitar a desgraça e a morte.

Apesar de tudo, Berenice não pretende desistir de Breno, mesmo que ele não se separe. Fala da harmonia existente entre os dois, da perfeita compreensão e cumplicidade. Os dois têm projetos políticos de conscientização das camadas mais pobres da população. Berenice destaca que tem aprendido e

crescido muito com Breno, que é um homem experiente, capaz, inteligente e com um trabalho político muito sério. Valoriza este lado da relação: o companheirismo, os ideais comuns, o crescimento individual. No momento, a relação com Breno é a coisa mais importante da sua vida. Pretende abandonar o trabalho e até separar-se da filha por uns meses para ver se consegue viabilizar a vida dos dois em outro lugar.

Vamos fugir para bem longe daqui. Já decidimos. É a única saída que encontramos para ter paz. Um lugar em que ela não possa destruir nossa vida. Vamos fugir para bem longe de tudo e de todos para viver nosso amor.

6

Um compromisso diário com o prazer

Carla foi casada duas vezes e tem três filhos do segundo casamento. Na verdade, seu filho caçula não é do segundo marido, como todos pensavam. É de César, seu amante na época. Mas este fato só foi descoberto quando foram feitos os testes de paternidade e a criança estava com quase 2 anos. Carla conhece César desde a infância: ele era casado com uma prima dela quando iniciaram o caso. Ela também estava casada naquele momento.

Durante os primeiros 3 anos a relação foi leve e prazerosa: passeavam durante o dia, saíam juntos, faziam programas de férias familiares conjuntos, "trepavam" muito. A relação foi se consolidando e passaram a se encontrar todos os dias. Antes de César, Carla teve outros relacionamentos com homens casados.

Fazendo uma retrospectiva psicanalítica, eu acho que transei com homens casados porque naquele momento não me interessava a separação nem questionar minha relação principal. Era mais uma coisa de compensação para algo que faltava no meu casamento. Um cara casado não ia ficar me criando situações difíceis como querer sair sábado à noite.

Com César foi diferente. O envolvimento foi maior e, sem que os dois tivessem consciência disso, a relação que era secundária passou a ocupar o lugar da principal. Carla diz que teve dificuldade em perceber isso porque tinha uma ligação muito simbiótica com o marido.

Era uma fase em que eu e o meu marido resolvemos viver um casamento aberto em que os dois pudessem ter outras transas, desde que não ameaçassem nossa relação. Mas não era mais uma relação 100 por cento satisfatória, e eu fiquei criando compensações e subterfúgios para continuar com aquilo.

De acordo com Reich (1977), em uma união duradoura sem dependência econômica, a ocorrência de uma relação passageira pode ter duas saídas. Para o autor, a relação com a terceira pessoa pode ser apenas acidental, não rivalizando com a relação existente, a qual, dessa prova, pode sair fortalecida. No entanto,

a nova relação pode se tornar mais intensa do que a existente, proporcionando mais prazer e harmonia, podendo provocar o rompimento com a relação antiga.

Foi o que ocorreu com Carla e César. Começou como uma brincadeira, com a certeza de que nada iria acontecer com os respectivos casamentos, e assumiu proporções afetivas e emocionais muito sérias.

Eu não sei o que é, vai ver que o dia que eu souber perde o encanto. É uma coisa de pele, de útero, de cabeça. É uma coisa emocionalmente muito forte, nós somos muito apaixonados um pelo outro. Hoje eu digo que tudo o que nós sofremos não foi só pura neurose, porque estamos muito felizes.

O casamento de Carla ficou muito abalado e, meses depois do nascimento do filho, ela se separou. Os laços de parentesco com César foram complicadores da relação, pois todos os familiares se envolveram de alguma forma no caso. Alguns romperam definitivamente com Carla. Outros fingiram nada saber e continuaram próximos. Três anos depois, César decidiu se separar da esposa.

Nesses 3 anos Carla e César continuaram se encontrando, mas a relação se tornou pesada, com muitas brigas, cobranças, choros e sofrimento. César, após os testes, assumiu a paternidade do filho.

É uma história dramática do meu ponto de vista, até ele decidir sair de casa. Tentamos romper inúmeras vezes, mas sempre acabávamos voltando. A esposa de César nunca xingou ele, como meu marido fez comigo. Ela diz: quero carro, apartamento com cobertura, viagem para o exterior. E como ele morre de culpa, está tudo lá. A culpa é toda transada materialmente. Tem mulher que merece, são umas putas, se vendem. Uma mulher dessa tinha mesmo que passar por tudo isso.

Carla se apresenta como uma mulher muito segura, companheira, apaixonada, corajosa e lutadora. A esposa aparece como interesseira, chantagista, exploradora, uma puta.

Durante 2 anos continuaram morando cada um na sua casa, por imposição de César, que queria um tempo para consolidar sua separação. Depois desse período, ele comprou uma casa de três andares e passaram a viver juntos: César, Carla e seus três filhos. Os dois filhos de César moram com a ex-esposa num belo e confortável apartamento, mas estão sempre na nova casa. A casa tem seis empregados e todo o custo é pago por César. O que Carla ganha mal dá para pagar suas despesas pessoais.

Apesar de um observador considerar esse momento da vida de Carla o retrato de uma família feliz (a entrevista foi na sua casa, com cinco crianças brincando na piscina, dois cachorros e vários empregados circulando pela sala), ela conta que não sente a mesma segurança que tinha nos casamentos anteriores.

Família para mim, hoje, sou eu e meus filhos. E só. Não tenho mais aquela coisa relaxada de achar que é uma coisa permanente. Não sinto que é uma relação que vai durar para sempre, não temos nenhum compromisso obrigatório. Hoje vivo um outro tipo de vínculo, um compromisso com o prazer, que é avaliado dia a dia.

Carla diz que está totalmente empenhada para que a relação seja 100 por cento satisfatória para os dois, para que não exista espaço para a *Outra*.

Eu tenho muita facilidade de optar, de saber o que realmente quero. Eu não estava brincando quando percebi que queria o César, não tinha a menor dúvida, e fiz tudo para ficar com ele.

Continuo me sentindo como guardiã dessa relação, vou fazer tudo para dar certo. Eu acho muito difícil, quando duas pessoas se amam como nós nos amamos, a separação. Sobretudo quando tem uma empenhada em que os dois fiquem juntos.

7

Eu quero ser a esposa dele

A entrevista com Denise foi a mais longa, durou mais de quatro horas. Foi realizada em seu apartamento, decorado com muitos quadros e inúmeros objetos sobre as mesas. Foi a única que se recusou a dizer a própria idade (descobri, depois, que tem 50 anos) e omitiu o nome do amante. Destaco estes dados, pois as demais entrevistadas não esconderam a idade ou o nome do amante.

Denise morou com a mãe até os 26 anos, quando se casou. O casamento durou 7 anos. Após o término do casamento, sempre morou só. Seus pais são separados. Trabalha e é independente economicamente desde os 16 anos. Dentre todas as entrevistadas, foi a que teve a primeira relação sexual mais cedo.

Minha primeira relação sexual foi aos 13 anos, com um namorado. Mas antes disso eu me masturbava freneticamente. Eu tinha me deflorado eu mesma, não tinha novidade nenhuma, a hora que a caceta entrou a única novidade é que tinha alguém atrás da caceta. Eu sempre fui uma mulher promíscua, sempre fui mulher de vários homens. Nunca um só me bastou. Eu comia os homens todos. Eu gostava, comia. Aliás, nem precisava ser cantada, eu sempre fui comê-los, eu sempre cantei os homens para mim.

Ela mostra um comportamento surpreendentemente liberado para a época em que isso ocorreu, final dos anos 1950 e início dos 1960. Diz que teve centenas de homens, “com certeza mais de cem”, mas que apenas quatro foram relações amorosas profundas. É a única entrevistada que dissocia sexo e amor, enfatizando a atividade sexual em si mesma.

Denise, apesar de ter tido inúmeros casos com homens casados “muito importantes e poderosos”, diz que sempre exigiu dedicação e disponibilidade total deles. “Se o cara não tem tempo para me dar, não serve. O tempo do cara é mais importante do que a caceta.”

Ela diz que relutou muito em se casar, temendo perder sua liberdade. Seu discurso inicial valoriza a liberdade total e apresenta o casamento como um cerceamento dessa liberdade. Decidiu casar, sob influência da mãe, para não ficar solteirona.

Escolhi um bom partido. Um rapaz com uma posição socioeconômica invejável, filho de uma importante família, com uma bela fortuna, do mesmo nível intelectual que o meu. Em suma, um ótimo partido. Casei-me com três exigências ao meu futuro marido: não deixar de trabalhar, não ter filhos e não casar no religioso.

Acusa-se de infantil, de esquerda xiita, arrependendo-se de ter rejeitado o papel de dondoca que poderia

e gostaria de ter assumido.

Eu queria continuar a trabalhar, aquela coisa autoafirmativa. Se fosse hoje, eu largava de trabalhar e iria ser dondoca. Eu acho a glória suprema mulher ser sustentada, ter um homem que pague tudo, administre a casa, pague a governanta. Eu acho formidável.

Denise tem três cursos universitários, mestrado e doutorado, sempre ocupou em suas atividades profissionais posições de prestígio. Demonstra, no entanto, um profundo desejo de assumir o papel tradicional de esposa, com o marido provedor. “Eu acho que o homem foi feito para ser servido pelas mulheres. Eu adoro servir meus homens.” O casamento terminou porque “comecei a enjoar dele. Ele não era muito bom de caceta”.

Eu era obrigada, por todas as convenções, a ter o comportamento esperado, sem o que era chamada de puta e o cara de corno. Não por ser chamada de puta, porque sempre tive uma vocação enorme para isso e sempre assumi. Acho as putas pessoas encantadoras. Aliás, nunca tive a vocação que as putas têm de tirar grana dos homens. Eu podia ser puta na variedade de homens, mas no sentido socioeconômico eu não era uma puta autêntica. Apesar de ter sido sempre regamente presenteada pelos meus amantes, inclusive com empregos, joias de brilhante, viagens ao exterior, nunca recebi dinheiro em espécie.

Além da internalização da acusação de desvio, Denise faz uma associação muito comum entre prostituição e pagamento em dinheiro. O sexo não pago com dinheiro, apesar de múltiplo e variado, não é visto como a verdadeira prostituição.

Considerando-se desviante, Denise só se relaciona com outros desviantes. Diz que todos os seus amigos são veados.

As mulheres estão muito agressivas, principalmente no nosso nível socioeconômico. A mulher se intelectualiza, fica com essa merda de feminismo, e o preço disso é a solidão. Quer coisa mais melancólica do que um monte de mulheres num barzinho tomando chopinho e discutindo política? Caralho! Eu prefiro ficar em casa do que sair sozinha com mulher. Eu saio com veado, mas saio acompanhada de um homem, ser humano do sexo masculino.

Denise demonstra muita ambiguidade: fala da liberdade como uma reivindicação suprema para, em seguida, revelar o desejo de se casar a qualquer custo, mesmo sem amor, apenas para ter uma companhia que a afaste da solidão.

Você não encontra homem sozinho: ou é veado ou é um bosta. Porque homem maduro sozinho ou que a mulher tenha largado, porque a mulher leva porrada e não larga o cara, ou o cara é uma merda ou é veado. Em circunstâncias normais o cara fica acasalado, mesmo numa relação fodida. Os homens não ficam muito tempo sozinhos. Nós ficamos porque não há outro jeito, há muito mais mulher do que homem. É um fenômeno estatístico e demográfico.

Essa observação é comprovada pelos dados demográficos. Berquó (1989) afirma que cresce o

contingente de mulheres sozinhas nas grandes cidades, em parte como consequência do feminismo e da liberação sexual, em parte por um determinismo social que assegura ao homem mais chances de encontrar novas parceiras até a idade madura.

Denise conheceu Dênis alguns anos após se separar do marido. Ela tomou a iniciativa de procurá-lo, pois o considerava um homem muito inteligente, importante e famoso. A partir do primeiro encontro, surgiram outros até começarem a namorar. Ela sempre soube que ele era casado e que não pretendia se separar da esposa.

Ele é uma pessoa maravilhosa, o ser humano de melhor qualidade que eu conheci na vida. É um homem extraordinário por quem me apaixonei, e ele por mim. É uma pessoa extraordinariamente saudável, tem alegria de viver. É bonito, charmoso, inteligentíssimo. Eu tenho uma admiração profunda por ele. Quando ele fala eu fico completamente boquiaberta. Meus amigos dizem que eu fico totalmente apagada quando estou com ele. No início alimentei a esperança de que ele pudesse deixar a família e se acasalar comigo, mas aos poucos fui me convencendo de que ele nunca faria isso. E para não perdê-lo, parei de encher o saco dele e estou relativamente conformada.

Denise acha que a esposa de Dênis sabe da sua existência, mas, como ele é um homem tão maravilhoso e cumpridor dos seus deveres familiares, acha que ela prefere tê-lo mesmo assim do que perdê-lo. Acredita que Dênis não “trepá” mais com a esposa, que é monogâmico absolutamente e levanta a hipótese de que a “mulher dele seja sapatão, pois trabalha muito com mulheres”. A acusação de desvio contra a esposa entra em cena novamente.

Denise revela seu medo de ser considerada puta pelos outros ao não usar seu próprio apartamento para as “trepadas”: sempre vão a um motel.

Eu me achar puta é uma coisa, agora eu ser considerada uma puta por uma pessoa que me serve é diferente. A disciplina e a hierarquia têm que ser preservadas. Fico preocupada com a empregada, com os porteiros, com os vizinhos. O Dênis não vem aqui para trepar. Eu queria ter um apartamento para nós dois, um lugar de encontro, como havia antigamente.

Ela diz que gostaria que Dênis se separasse “ou encontrar um companheiro para cuidar de mim e me ajudar a envelhecer”. Mas como acha que isso não vai mais acontecer, morre de medo que Dênis a troque por uma amante mais jovem, “uma de suas alunas”. Assume um papel totalmente submisso na relação: sempre disponível, esperando seu telefonema.

Eu nunca marco nada. Ele telefona, marca, convida. Quando ele me chama, mesmo caindo aos pedaços, eu vou. Chega o fim de semana que eu estou descansada, louca para sair, louca para foder, o telefone em silêncio. Aí é desesperador. Aí ligo para os meus amigos veados.

Denise diz estar diante de uma relação excepcional porque eles nunca brigaram em 14 anos de relacionamento, “nunca tivemos a menor divergência por qualquer motivo. É a afinidade total”. Saem muito, conversam sobre tudo (menos sobre a vida familiar dele), vão ao cinema, teatro, viajam, “trepam”. Descreve sua relação com Dênis em contraste com o que imagina ser o casamento dele.

Nós somos muito ciosos das nossas cerimônias. Ninguém aqui fica de *bob* ou diz certas coisas

desagradáveis. Trabalhamos juntos, ele sempre me incentivou em tudo. Viajamos anualmente para fora do país. Alguns amigos me dizem: Denise, você tem a melhor parte, você tem o filé-mignon. O dia a dia, a chatura, a educação dos filhos, o telefone que toca depois das 22 horas e você não sabe se é um acidente ou se o filho está preso, a discussão de dinheiro, o orçamento doméstico, isso não é comigo. Eu sou o repouso do guerreiro, a amenidade. Quando o recebo, estou linda, perfumada, bem-humorada, repousada, descansada, só trato de coisas intelectuais. A grana, o filho que foi reprovado ou está desempregado, isso tudo é com a esposa.

Diz que ela é a “mulher das fodas e dos grandes papos” e a esposa aquela que fica com “a chatura”. “Qual é o marido que vai ter grandes papos e grandes fodas com a esposa? Grande foda só vai ter com a clandestina!” No entanto, diz que morre de inveja da esposa de Dênis.

Morro de inveja dela, não da vida que ela tem, mas do *status* de esposa. Eu queria casar com ele, ser a esposa dele, ser madame fulano de tal, igualzinho como manda o figurino de cem anos atrás. Esses valores modernos, mulheres se separando, tendo filhos sozinhas, deram tudo em merda, deram tudo numa grande solidão.

Denise diz que o casamento é uma instituição formidável e sábia.

Felizes as pessoas que conseguem transformar o amor, a paixão, o tesão, numa amizade amorosa e cerimoniosa. O amor acaba, porque essa coisa de mulher grávida, menstruada, fedendo, acordando todo dia junto, o cotidiano tira muito do encanto e do mistério da relação. A intimidade traz desgosto, é a coisa de você entrar na privada, cagou, fica fedendo. O amor acaba, mas se as pessoas são inteligentes, fica uma grande camaradagem, ficam amiguinhas, cúmplices, solidárias, tem a pirralhada que cresce, a relação deles passa a ser em função das crianças e acaba de ir para as picas. Eles se mantêm juntos como numa empresa, numa empreitada: criar os filhos. É o que me parece que são os casamentos, bem ou malsucedidos. No mais, brigam pra cacete, sai porrada, o cara tem amante, a mulher depois de muito tempo acaba tendo também, com uma puta culpa, se autochamando de puta. Eu poderia até encerrar essa conversa dizendo a você: o amor acaba, mas o casamento fica.

8

A verdadeira *Outra* é a esposa dele

Débora tem 63 anos. Décio 80. Há 40 anos são amantes. O primeiro relacionamento sexual de Débora foi com Décio, aos 23 anos. Dentre as entrevistadas, foi a que iniciou a vida sexual mais tarde. Ela se recusou a fazer comentários a respeito de outros relacionamentos sexuais. Conheceram-se no exterior e ele ficou “loucamente apaixonado”. Ela diz que nunca foi apaixonada por ele ou por ninguém, mas que sempre gostou e admirou muito Décio, além de terem um relacionamento sexual muito bom.

Décio conseguiu uma bolsa de estudo para Débora deixar a cidade onde morava e vir para o Rio de Janeiro. Tinham “um ninho de amor”, um apartamento que ele alugava para se encontrarem. Depois de alguns anos, trabalhando de manhã e de tarde, Débora conseguiu comprar um apartamento pequeno, onde vive até hoje. Ela começou a trabalhar desde muito cedo e sempre foi independente economicamente. “Vim para o Rio, mas nunca com essa ideia de ser teúda e manteúda, essa foi uma questão que descartei desde o início.”

Débora diz que hoje as mulheres são sujeitos da sua própria história, independentes economicamente, com escolhas. Ser a *Outra* não significa uma solução para problemas materiais, e sim uma forma de se relacionar com um homem (casado).

Ser amante de um homem casado, hoje em dia, não é o mesmo que ser a teúda e manteúda. Não existe mais aquela amante que é uma mulher socialmente inferior, que vive à custa do amante, submissa, invisível. O homem arca com a casa e com os encargos, exigindo em troca a fidelidade e a obscuridade total da teúda. Ela não pode aparecer nunca, nem no enterro do amante. É uma mulher apagada, que vive na penumbra e muito malvista, que dificilmente consegue mudar de vida. Este tipo de mulher só existe em novela.

No entanto, quando perguntei a Débora qual o olhar das feministas para esse tipo de relacionamento, ela respondeu que há um certo olhar crítico.

Muitas mulheres que são *Outras* acabam se submetendo, muitas vezes, a um papel passivo e até humilhante, tendo que ficar sempre à espera do parceiro, não sendo assumida totalmente, não dividindo o cotidiano e as responsabilidades. Acabam tendo um companheiro com muitas limitações.

Débora diz que nunca teve do que se queixar de Décio, como companheiro e amante. Ele sempre esteve presente. Ele nunca a ocultou de ninguém. Vivem um bom relacionamento em todos os níveis (sexual, intelectual, político, afetivo). Ele também “nunca me cerceou, sempre me deu muita liberdade, e isso foi fundamental para manter a relação”. Outro elemento importante foi que ele sempre a assumiu publicamente diante de todos os amigos: saem, passeiam, viajam juntos, vão ao cinema e ao teatro, recebem e visitam amigos. Para ela, a verdadeira *Outra* acaba sendo a esposa.

A *Outra* é aquela figura que fica em casa, não atrapalha, bonitinha, quietinha, sem criar problemas. Para a maior parte dos amigos dele eu é que sou a esposa convencional, eles nem conhecem a verdadeira esposa.

Débora acha um teatro de mau gosto o casamento tradicional, de véu e grinalda. Nunca quis ter filhos. Sempre rejeitou essas convenções, nunca foi uma mulher convencional, recusando a certidão ou o *status* de esposa e de mãe. No entanto, diz que sempre desejou e valorizou uma relação de verdadeiro companheirismo, entre dois espíritos livres e iguais. A relação com Décio supriu suas necessidades afetivas, intelectuais e sexuais.

Ela esteve presente em todos os momentos importantes da vida dele, inclusive em sua festa de aniversário de 80 anos. A esposa não foi, e Débora esteve ao lado de Décio o tempo inteiro. Na festa estavam todos os amigos dele, seus filhos e netos. Todos a conhecem e a tratam muito respeitosamente.

Débora e Décio têm uma rotina estabelecida: estão juntos às terças, quintas e sextas à noite e sábado e domingo o dia inteiro. Ele sempre dorme na casa dela nestes dias.

Durante muitos anos Décio teve a chave do apartamento de Débora. Recentemente, ela decidiu tirar a chave dele, pois Décio se recusa a contribuir com as despesas do apartamento. Débora diz que a “sovinice” dele é por dois motivos. Ele quer que ela trabalhe muito para pagar as contas, sem folga de dinheiro e de tempo para não ficar disponível para outros possíveis interessados. E também porque ele sente a verdade da relação pelo fato de não existir nenhuma dependência econômica. “Ele quer uma relação isenta de qualquer interesse secundário. Nós estamos juntos porque nos gostamos e só por isso.”

Não sei como a mulher dele aguentou 40 anos de uma companhia sempre limitada, que nunca ficou um fim de semana em casa. A mulher, coitadinha, é tão submissa. Quando casou não quis mais trabalhar. Ele valoriza muito a minha independência econômica, ele sempre achou o trabalho da mulher uma coisa fundamental. A mulher casou, a primeira coisa que fez foi pedir demissão do empreguinho de professorinha e virar dona de casa. A filha, que ele preparou para o trabalho, fez curso universitário, casou e virou dona de casa. Ele acha isso horrível, é uma coisa que o contraria muito. Ele sempre foi partidário da mulher ter sua própria carreira.

Débora tem certeza de que Décio não teve outra mulher durante esses 40 anos, o que lhe dá muita segurança.

Ele me dá muita presença e fidelidade, se é que eu posso chamar de fidelidade o fato dele ter só a mim durante todo esse período. Nunca o ouvi contar qualquer outro deslize. Pelo contrário, eu era a única. A todo momento, ele fazia votos redobrados de dedicação e de fidelidade. Mesmo com a esposa ele não tinha mais relacionamento sexual. Eu soube por uma amiga comum que eles dormiam em quartos separados. Ele ficou cada vez mais amarrado em mim, dando toda a pinta que não tinha mais nada com ninguém, nem com a esposa.

Débora não entende como Décio conseguiu levar essa vida dupla tanto tempo. Reconhece que ele tem uma grande amizade pela esposa e foi um “companheirão” quando ela teve câncer. Nessa fase, Décio dizia que se ficasse viúvo se casaria com Débora. Ela não quer casar. “Para mim, hoje, só cada um na sua casa.” Diz que essa vida dupla deve ter sido conveniente para Décio, porque nem ela nem a esposa deram escândalo ou cobraram definições.

Esse também é um caso atípico, o fato dela nunca ter me incomodado e eu nunca a ter incomodado. Eu acho que isso facilitou a vida dele. Imagina se é aquele tipo de mulher que fica telefonando para mim: sua puta, sua vagabunda. Ou eu telefonando para ela: larga esse homem! Nunca houve isso, a coisa sempre foi num plano de dignidade total.

Débora reafirma que não vive uma situação típica de *Outra*, “porque acaba que quem é a *Outra* é a mulher que fica em casa e nunca o acompanha”. Diz que não tem problema em assumir a relação porque “uma mulher na minha idade que tem um caso está patente o tipo de caso que é”. Nunca sofreu discriminações, mas acha que alguns amigos podem ter se afastado por não aprovar a relação.

Fizemos 25 anos de não casamento, uma festa, todo mundo foi. Foi uma gozação tremenda. Nós só

fizemos 25 anos porque não era um casamento. Se fosse, a gente já teria se separado. Brincamos muito com essa coisa de que a relação pelo fato de não ter papel assinado foi muito mais autêntica, foi opção livre dos dois, sem nenhum constrangimento a não ser o fato da gente querer ficar junto.

Reconhece, no entanto, que, no fundo, no fundo, todas as mulheres desejam uma relação com um homem, na mesma casa. “Acho bom você se unir em caráter definitivo com um companheiro.” Nos primeiros 10 anos de relacionamento com Décio isso lhe causava muitos conflitos, mas ele foi provando que poderia ser um excelente companheiro. Débora chama atenção para o fato de que quando eles se conheceram não havia divórcio no Brasil.

Mesmo que ele se separasse, a nova relação seria malvista, pois na época existiam grandes restrições sociais às pessoas que vivessem amigadas. Ele nunca se separou alegando também que não queria prejudicar os filhos.

Atualmente, Débora se sente uma mulher realizada e feliz. Tem muitos amigos, só faz o que realmente gosta, viaja para o exterior com regularidade, vai ao cinema e ao teatro, cuida-se (faz massagens e ginástica). Nunca fez terapia “porque nunca precisei. Eu e Décio temos a cuca muito boa”. Décio continua “alimentando meu ego. Para ele eu sou a mulher mais maravilhosa, linda e inteligente que existe no mundo”.

Eu me sinto completamente feliz, curto cada momento da minha vida. Nunca senti solidão, sempre tive um bom companheiro. Não tenho nenhuma inquietação, não tenho filho para me aporrinhar, não tenho marido chato, não tenho família pendurada em mim para sustentar. Não tenho um atrapalho na minha vida.

Débora diz que a maior parte de suas amigas está só, separada, viúva ou malcasada. Todas muito infelizes, insatisfeitas, cansadas de fazer programas com outras mulheres.

Elas gostariam de ter um bom companheiro, como eu tenho, mas o mercado está meio escasso, até para ser amante. Elas manifestam até uma certa inveja por eu ter um bom companheiro há tantos anos. É muito difícil começar a construir um novo relacionamento a essa altura da vida.

Apesar de viver um relacionamento sem amolações, com muito prazer, troca e companheirismo, Débora acredita que o casamento não é uma instituição falida.

Vejo o casamento como uma instituição em transformação profunda, mas nada falida. Está aí, presentíssimo. Claro que se ajustando às novas exigências da época. Ainda vai continuar por muito tempo. A maioria das pessoas ainda quer casar, homens e mulheres. Então, a única coisa que está falindo no casamento é seu caráter definitivo, como opção para toda a vida. Isso acabou e não vai voltar mais. Mas as pessoas querem casar e são reincidentes: casam uma vez, não dá certo, casam de novo, separam, querem casar de novo. Não tem nada de falido, a relação a dois é uma coisa ótima. É insubstituível o companheirismo do homem e da mulher. Quando conseguem se

entender é um negócio lindo, delicioso. Minha vida não teria sentido se eu tivesse passado a vida sem um companheiro. A presença do outro é algo estimulante para gostar da gente mesma, para se manter em forma, se arrumar. Esse estímulo vem muito do companheiro. E agora chega. Vamos tomar um uisquinho?

9

Ser ou estar a *Outra*: passageiras, transitórias ou permanentes

No grupo A encontram-se as duas mulheres mais jovens. Pela primeira vez envolveram-se com homens casados, e a relação, apesar de intensa, durou menos de um ano. Nos dois casos, os homens pensaram em romper com as esposas, propondo um compromisso maior às amantes. Ângela e Aurora recusaram esse compromisso. Elas querem apenas namorar. Não descartam o casamento, mas não pensam nele atualmente. Investem principalmente nos estudos e na profissão. As duas tiveram relacionamentos duradouros (uma delas foi casada e tem um filho) e acreditam que o casamento cerceia a liberdade feminina. Buscam uma nova forma de relacionamento em que a própria liberdade possa ser preservada. São as únicas que dependem economicamente do pai e desejam ser independentes, acima de tudo. Viveram a experiência de *Outra* como uma escolha passageira.

Apontam algumas limitações desse tipo de relacionamento em contraste com um namoro comum: não poder procurar o namorado quando se quer, não agir em determinados locais como namorados, a existência da esposa e dos filhos. Preocupam-se com a opinião dos familiares e das pessoas em geral, mas afirmam não terem vivido grandes discriminações sociais.

Em seus discursos há ênfase no modelo igualitário de relacionamento entre o casal, em oposição ao modelo hierárquico. Rejeitam a obrigatoriedade do casamento tradicional e propõem uma relação baseada no desejo e no prazer. O casamento dos pais aparece como referência em seus discursos, sempre para ser rejeitado como modelo a ser imitado.

A fidelidade é um valor nessa nova relação proposta, não a fidelidade obrigatória, mas a fidelidade amorosa.

A *Outra* é a esposa do namorado, a que não tem seu amor e desejo. A *Outra* é a que tem o marido apenas por convenção, formalidade. O real, para elas, é o sentimento entre os amantes.

No grupo B encontram-se mulheres de 37 anos que já foram casadas, uma legalmente e outra não. Ambas são as *Outras* há menos de um ano e fazem planos de viver com seus amantes assim que eles se separem das esposas. Os motivos apontados para isso ainda não ter ocorrido são de ordem prática (divisão dos bens) e psicológica (falta de coragem). Vivem como se fossem as verdadeiras companheiras dos parceiros: encontram-se diariamente, afirmam que eles não se relacionam sexualmente com as esposas e têm certeza de que é apenas uma questão de tempo a concretização de uma vida a dois.

Vivem mais dramaticamente as discriminações, acusações e limitações por serem as *Outras* do que as do grupo A. A esposa é um empecilho para a felicidade dos amantes. Almejam serem as únicas em uma relação amorosa satisfatória, onde não exista espaço para *Outras*.

No GRUPO C está Carla, a única que mora com o ex-amante. Ela e César se separaram dos respectivos cônjuges e estão morando em uma nova casa com os filhos. Durante quase 7 anos foram amantes. Carla preocupa-se em construir uma nova relação em que não exista espaço para *Outra*. Afirmar a importância do prazer e da satisfação plena do casal, em detrimento dos vínculos obrigatórios. Escolheu essa forma de relacionamento em contraste com dois casamentos mais tradicionais vividos anteriormente. Aponta como desvantagens dessa nova relação a insegurança maior e uma ausência de compromisso formal. A relação tem que ser construída diariamente, não existe nenhum tipo de segurança ou garantia.

No GRUPO D encontram-se as *Outras* que não têm perspectiva de que o amante se separe da esposa, apesar desse desejo continuar existindo ou ter existido no passado. São *Outras* há muito tempo, 14 e 40 anos. A realidade da existência da esposa do parceiro é vista de forma dramática por uma delas e de forma razoavelmente tranquila pela outra.

Apenas neste grupo não apareceu um número exato de homens com os quais tiveram relacionamento sexual. “Não quero falar sobre isso”, disse Débora. Denise disse “centenas, com certeza mais de cem”. Nos outros grupos havia a preocupação com o número exato e os nomes das respectivas “transas”, variando de dois a “menos de 10” parceiros.

Denise, ao contrário das demais, mostrou-se preocupada em não revelar o nome do amante. Débora, que não demonstrou essa preocupação durante a entrevista, pede para ler o trabalho final para verificar se o amante poderia ser identificado. Em nenhum momento as duas se mostraram preocupadas com a identificação delas próprias por um possível leitor. Nos demais grupos, não houve nenhum pedido no sentido de não serem identificados, tanto a *Outra* como o marido traidor.

Débora considera-se a verdadeira companheira, porque dispõe da maior parte do tempo do parceiro, sem se preocupar com formalismos ou convenções. Denise, no entanto, deseja fortemente ser a esposa com todas as formalidades necessárias. Os conflitos e as insatisfações aparecem muito mais em Denise do que em Débora. Ambas não tiveram filhos como escolha, da qual não se arrependem. A liberdade e a sexualidade também aparecem em seus discursos, mas a ênfase maior é no companheirismo, ênfase sensivelmente maior do que nos grupos anteriores.

O medo da velhice solitária é uma realidade ameaçadora. São mulheres com profissões valorizadas socialmente, mas cuja vida afetiva ocupa um espaço maior do que a vida profissional. Tanto Denise como Débora cultivam de forma muito especial suas amizades. Nos demais grupos, o investimento maior é na relação com o parceiro e na vida profissional.

Nessa fase da vida, depois dos 50, dizem, é praticamente impossível encontrar um homem que não seja casado. Assim, consideram muito melhor ter um companheiro, mesmo casado, do que ficarem sozinhas. Dizem também que quase todas as suas amigas estão sós ou em casamentos muito insatisfatórios.

As duas gostariam de ter um parceiro disponível, se possível sem uma esposa. No caso desta impossibilidade, acham melhor ser a *Outra* do que uma mulher sem um homem ou uma mulher casada com um marido que tem a *Outra*. As duas demonstram que ter um marido é um valor fundamental. No caso de não ter um marido, ter um amante fiel e companheiro é uma alternativa que pode ser bastante satisfatória, tendo em vista as outras alternativas que se apresentam para mulheres de mais de 50 anos (a solidão, o marido traidor ou um casamento insatisfatório).

É importante destacar que a fidelidade do amante apareceu como um valor ainda mais fundamental neste grupo. São mulheres que são *Outras* há muitos anos (14, no caso de Denise, e 40, no caso de Débora). A crença na fidelidade do parceiro, de que são as únicas na cama, é básica para que a relação seja considerada satisfatória. Sem esta crença, provavelmente, não conseguiriam sustentar por tantos anos

esse tipo de relacionamento. As duas enfatizam os companheiros maravilhosos que conseguiram e como recebem provas constantes de que são as únicas, de que ocupam uma posição central em suas vidas. Também descrevem a situação extremamente desvantajosa das esposas de seus amantes, mulheres que aceitaram uma situação secundária, humilhante e dependente.

OUTRO DADO que merece ser pensado, a partir dos quatro grupos, diz respeito ao relacionamento de mulheres com homens mais velhos, já que quatro das pesquisadas se relacionam ou se relacionaram com amantes com cerca de 10 anos (ou mais) do que elas. Colasanti (1980) sugere um possível “Complexo de Electra”. “O que pode haver de mais próximo de um pai do que um homem mais velho, mais experiente e devidamente casado?”

A análise dos dados demográficos, realizada por Berquó (1989), nos dá pistas importantes para uma compreensão sociológica dessa questão. Para ela, o aumento de separações legais, de uniões consensuais (sem legitimação), do número de mães solteiras e de celibatários, leva à constatação de que a família brasileira já não é mais a mesma, sobretudo nas grandes cidades. Quando Berquó analisa a população com mais de 65 anos no censo de 1980, constata que 76 por cento dos homens estavam casados. Entre as mulheres, 32 por cento estavam casadas, 55 por cento viúvas, 9,5 por cento solteiras e 3,5 por cento descasadas. A análise de Berquó demonstra que os homens têm mais possibilidade de escolha, pois podem se casar com mulheres da sua idade ou mais jovens, enquanto as mulheres, à medida que envelhecem, têm diminuídas suas chances de casamento. Somente em 9 por cento dos casos a mulher é mais velha do que o homem. Berquó assinala que a regra é uma diferença de 2 ou 3 anos entre o homem e a mulher no primeiro casamento. A tendência do homem separado é casar-se com uma mulher ainda mais jovem que a ex-esposa. Com isso, as mulheres têm, até os 30 anos, no máximo, chances iguais às dos homens no mercado de casamento. A partir daí, há o que ela chama de determinismo demográfico. O celibato feminino, definido como a chegada da mulher aos 50 anos sem ter casado, é muito mais elevado no Brasil que o masculino.

Berquó ainda assinala que a maior mortalidade dos homens gera um superávit de mulheres. Ela levanta a hipótese de que, no Brasil, pode estar havendo uma poliginia disfarçada. O grande contingente de mulheres sem possibilidades de casamento dá margem a que elas se unam a homens que continuam casados.

Estes dados são fundamentais para se compreender o campo de possibilidades das entrevistadas, seis das quais têm mais de 37 anos. As únicas com menos de 30 não são mais as *Outras*.

Pode-se perceber nitidamente uma vinculação entre os projetos e as faixas etárias das entrevistadas. As mais jovens priorizam o estudo e o trabalho, não desejando compromissos amorosos nessa fase de suas vidas. Querem apenas namorar. Encontram-se no grupo A e vivenciaram o relacionamento com um homem casado sem projetos de continuidade ou de casamento. Ser a *Outra* foi uma situação passageira.

As entrevistadas dos grupos B e C, com 37 e 41 anos, demonstram certa urgência para resolver suas vidas amorosas, aguardando a separação do parceiro para serem as únicas. Desejam que eles se separem da esposa, no caso B, ou já construíram uma nova família, no caso C. Para as mulheres destes grupos o relacionamento amoroso com o parceiro ocupa o lugar central em suas vidas, envolvendo uma reestruturação dos outros domínios, especialmente do familiar e do profissional. Vivem as situações de *Outras* como transitórias.

No grupo D, com 50 e 63 anos, encontram-se as *Outras* cujos projetos de vida passam necessariamente pelo parceiro, sem a expectativa de que ele se separe da esposa. São as *Outras* permanentes.

Pode-se pensar que as mulheres dos grupos A, B e C estão as *Outras*, enquanto as do grupo D são as

Quem é a *Outra*?

Quero destacar que trabalhei com a categoria *Outra* e não amante. A *Outra* é uma categoria relacional, enquanto a amante sugere um papel fixo. Apenas duas entrevistadas utilizaram-se espontaneamente da categoria amante. Pode-se pensar que a categoria *Outra* é mais facilmente manipulável em termos de inversão de papéis e construção de uma identidade positiva para a amante e negativa para a esposa.

Nos depoimentos também aparece uma recusa em autodefinir-se como a *Outra*, buscando-se papéis mais favoráveis, sendo a esposa considerada a verdadeira *Outra*. Apesar de se sentirem as *Outras* em alguns aspectos legais ou formais, consideram-se as verdadeiras companheiras dos parceiros em termos afetivos, profissionais e intelectuais. São as únicas, especialmente em matéria sexual. Nestes domínios a esposa é a *Outra*, rejeitada como companheira por estar muito aquém das necessidades do marido. O conceito de *Outra* é, então, sempre relativo.

A primeira questão que se coloca é a seguinte: Quem é a *Outra*? Existe uma identidade específica da *Outra*, da amante de um homem casado? Pelo presente estudo parece que sim. Existe uma identidade própria da *Outra*, construída a partir das acusações internalizadas de desvio e por um contraste permanente com a identidade da esposa. Essa identidade aparece manipulada, construída de forma a valorizar a amante em detrimento da esposa e com o objetivo de fugir das acusações e discriminações sociais, especialmente dos familiares, amigos e colegas de trabalho.

A *Outra* se constrói como a verdadeira companheira em todos os níveis (afetivos, sexuais, intelectuais), enquanto a esposa aparece como o vínculo obrigatório e neurótico do parceiro. As acusações se voltam contra a esposa que aparece como uma mulher sem identidade própria, passiva, submissa, enganada, ou como uma mulher maligna, perigosa, interesseira, chantagista. No discurso das entrevistadas, a *Outra* é sempre a esposa, enquanto elas são as únicas, o amor sincero e desinteressado, retratado na independência econômica e na ausência de vínculos obrigatórios.

Não podemos compreender a identidade da *Outra* sem pensar nas ideias de desvio, acusação e estigma. A *Outra* só é a *Outra* quando a sociedade assim o impõe, podendo esta acusação de desvio ser ou não internalizada. Nas entrevistadas, essa acusação aparece, muitas vezes, internalizada, associando seu comportamento com algo errado, imoral, ilegal, autodenominando-se putas, promíscuas ou traidoras. A autopercepção como desviante pode ser também observada quando o relacionamento é mantido em segredo, oculto, clandestino. A *Outra* teme transgredir moral e sexualmente o modo de vida da família e da sociedade em geral. A *Outra* busca esconder seu estigma e não contaminar outros domínios da sua vida.

Em cidades grandes, como o Rio de Janeiro, ser a *Outra* é uma das trajetórias possíveis para a mulher, sem que isso contamine os demais relacionamentos. O anonimato, as múltiplas e alternativas redes relacionais e a tênue fronteira entre o normal e o desviante permitem que a *Outra* não viva discriminações muito violentas nem o isolamento social da teúda e manteúda dos tempos dos coronéis.

Nos discursos aparecem contradições, ambiguidades, incoerências, tensões e conflitos. Apesar de idealizarem seu relacionamento amoroso, demonstram o desejo de serem as únicas, desejo que surge das

mais diferentes formas: desde a mais conservadora possível (casar de papel passado e de véu e grinalda) até as mais modernas (cada um na sua casa). Justapõem-se, nos depoimentos, o velho e o novo, o tradicional e o moderno, o hierárquico e o igualitário, demonstrando existir um relacionamento que é construído cotidianamente e não um modelo de conjugalidade acabado a ser imitado.

As pesquisadas apresentam um sistema de autorracionalização justificativo, sugerindo que o grupo constitui defesas visando fugir do estigma de amante. Esses discursos são fortemente psicologizados, enfatizando a possibilidade de escolha. Para elas, a *Outra* é uma mulher livre e independente que exerce seu papel de sujeito no mundo, ou melhor, ela não é a *Outra*, é a única, a principal, a básica, a verdadeira, a real, a número um, a namorada, a mulher, a companheira.

A esposa sofre as acusações que socialmente são destinadas à *Outra*: puta, exploradora, interesseira, chantagista, mentirosa, traidora ou uma coitada, submissa, dependente, vítima. O amante casado é representado como um homem poderoso, ativo, brilhante, realizado ou como um covarde, medroso, acomodado, dependente.

Há uma extrema polarização entre os papéis da esposa e da amante. Do lado da esposa: os cuidados do lar, as amolações com os filhos, as preocupações financeiras, a rotina, as obrigações e formalidades chatas. Do lado da *Outra*: o prazer sexual, as conversas interessantes, os passeios, as viagens, as atividades culturais e intelectuais, o trabalho em comum. No máximo, resta à esposa uma amizade fraterna, sem nenhum interesse sexual.

Uma outra questão que quero destacar são os valores que aparecem nos discursos das *Outras*.

O principal valor, destacado por todas as pesquisadas, é a fidelidade. Todas elas acreditam que seus amantes lhes são fiéis. Todas declararam que seus parceiros não têm relacionamento sexual com a esposa ou com outras mulheres, que elas são as únicas. Todas também disseram que são fiéis aos amantes. Admitem racionalmente o interesse eventual do amante por outras mulheres, mas confessam que emocionalmente seria insuportável conviver com essa situação.

A existência de uma *Outra* mulher é vista como uma traição à relação básica. A infidelidade é percebida como sintoma de uma patologia ou insuficiência da relação amorosa. Não é uma questão moral ou obrigatória. É uma impossibilidade sentimental. A fidelidade do amante é um valor tão fundamental que sem ela a relação não sobreviveria. Elas acreditam, ou precisam acreditar, que são únicas, especialmente no domínio sexual.

Na hierarquia das pesquisadas, a melhor posição é a da esposa (com um marido fiel e companheiro), seguida da *Outra* (com um amante fiel, companheiro e que respeite sua liberdade), da mulher que está só e, por fim, da mulher casada com um marido que tem a *Outra*. Esta última, segundo elas, é a posição mais humilhante, submissa, passiva, dependente, insatisfatória. A pior posição para elas é a da esposa que não tem uma vida sexual com o marido nem outros prazeres, apenas obrigações chatas com os filhos e com a casa. Elas preferem ser as *Outras* do que serem sós, mas preferem ser sós do que mal-acompanhadas (com um parceiro infiel ou insatisfatório).

Como mostro no livro *Coroas* (2008), no Brasil, ter um marido é uma verdadeira riqueza, especialmente em um mercado afetivo-sexual em que os homens disponíveis para o casamento são escassos. Criei o conceito de “capital marital” ao perceber que as mulheres casadas sentem-se poderosas e satisfeitas por terem um marido e, mais ainda, por acreditarem que ele é fiel e completamente dependente delas. Pode-se pensar que, no caso de não se possuir o “capital marital”, o amante fiel é considerado um outro tipo de capital, um pouco menos valorizado mas ainda desejado. As *Outras* se percebem como as únicas, já que acreditam que o amante não tem relação sexual com a esposa ou com outras mulheres.

Ligado ao desejo de ser a única, aparecem outros valores fundamentais como o de ser completamente

assumida pelo amante, de não ser escondida dos amigos e dos familiares e, também, a liberdade de procurar ou telefonar quando quiser ou precisar, sem qualquer tipo de impedimento. Uma das maiores provas de que são as únicas é quando são elas, não as esposas, que passam aniversários, festas e outros momentos importantes com os amantes. Ou, então, quando viajam juntos e se encontram em restaurantes, cinemas, teatros ou outros lugares públicos sem a preocupação de se esconder. Uma das queixas mais presentes das *Outras* é a de não poder telefonar ou estar com o amante quando se deseja ou precisa. “Eu posso morrer no fim de semana e ele não fica sabendo. No ano-novo eu tenho que ficar com meus amigos ou com minha família. Estou cansada de ficar sozinha nos fins de semana.”

Pode-se enxergar, em seus discursos, uma contabilidade comparativa em termos do tempo que o homem casado dedica à esposa ou à amante. As *Outras* se preocupam em demonstrar que passam muito mais tempo com o amante do que ele passa com a esposa, além de afirmarem que a qualidade do tempo que passam (mesmo quando não é suficiente) é muito melhor, tanto em termos de prazer quanto de intensidade. A medida mais importante para as *Outras* é a de que eles estão com elas sem ter nenhuma obrigação de estar. Estão porque desejam estar. Com as esposas, dizem, eles estão apenas por obrigação. Portanto, mesmo que passem mais tempo com a esposa e com a família do que com as amantes, esse é um tempo que não é considerado tão valioso quanto o que elas possuem, um tempo movido pelo desejo, pelo prazer, pelo amor. Um tempo dedicado por vontade própria e não por constrangimentos sociais ou familiares. Um tempo desinteressado.

O companheirismo é outro valor fundamental ressaltado por elas: a presença, as conversas, o estímulo ao crescimento profissional, a troca, o trabalho compartilhado, as atividades conjuntas. O relacionamento amoroso deve ser plenamente satisfatório, em todos os níveis. A combinação de sexo e companheirismo, da cama e do papo, é tida como essencial. Existe a expectativa de fusão em um único homem de todos os desejos e necessidades das entrevistadas (e vice-versa). Há uma idealização do casal perfeitamente integrado e amoroso. Sinceridade e honestidade são valores essenciais do relacionamento, sendo a mentira percebida como a verdadeira traição, outro motivo para acharem melhor ser a *Outra*. Acreditam que elas sabem a verdade e que a esposa vive na mentira.

Há uma valorização do casal, não da família. Cinco entre oito entrevistadas não têm filhos como uma opção de vida. Apenas uma deseja filhos, no futuro. Nenhuma demonstrou arrependimento por essa escolha. Para as entrevistadas, a realização feminina não passa necessariamente pela maternidade. Não se coloca uma busca de realização como mulher por meio dos filhos, mas a de um relacionamento amoroso que combine companheirismo com liberdade.

Desejam, no entanto, um relacionamento estável e monogâmico com o parceiro, não exatamente o casamento de véu e grinalda, de papel passado (referências que aparecem em quase todos os discursos, mesmo que para serem rejeitadas). A família, quando surge, é a família escolhida: “família sou eu e meus filhos”, “família são os meus amigos eleitos”. Há uma grande valorização dos amigos. As verdadeiras amizades são cultivadas com muito cuidado e ocupam um espaço afetivo muito maior do que as pessoas da família.

Há uma valorização das atividades profissionais e intelectuais em detrimento das atividades domésticas. O trabalho feminino aparece como valor fundamental, mesmo sendo colocado em segundo plano em função das vicissitudes do relacionamento amoroso. No momento das entrevistas, o relacionamento com o parceiro foi colocado em primeiro lugar na vida de cada uma delas (com exceção das mulheres do grupo A). A independência econômica e a realização profissional são vistas como fundamentais para a realização feminina. Apenas uma entrevistada, independente economicamente desde muito cedo, demonstrou o desejo de ser sustentada pelo parceiro.

Outro valor apontado nos depoimentos é a igualdade entre o casal. Aparece uma queixa contra o

padrão duplo de moralidade existente na sociedade brasileira: da mulher exige-se fidelidade, dedicação ao lar e filhos e um comportamento recatado, enquanto do homem cobra-se o cumprimento dos seus deveres de trabalhador e de provedor da família. Apesar de reconhecerem os avanços inegáveis das últimas décadas, reclamam que o homem adúltero é praticamente impune, enquanto a mulher sofre uma série de punições e discriminações. As entrevistadas exigem respeito à sua sexualidade, à sua capacidade profissional e intelectual, às suas reivindicações. O modelo hierárquico de relacionamento é rejeitado. Elas desejam um relacionamento igualitário, entre dois indivíduos livres e independentes economicamente.

Valoriza-se uma nova forma de relacionamento afetivo-sexual, rejeitando-se os vínculos formais ou obrigatórios. Elas valorizam a batalha diária pela manutenção do vínculo amoroso. Há uma visão crítica do casamento tradicional dos próprios pais, do casamento do amante e dos amigos. Das oito entrevistadas, cinco referiram-se aos “casamentos de merda” dos pais, com amantes ou separações. A mesma crítica ao papel da esposa do amante algumas vezes é feita à própria mãe: mulher submissa, que parou de trabalhar e tornou-se totalmente dependente do marido. Paradoxalmente, as *Outras* também valorizam a estabilidade, a segurança e a confiança, com certa nostalgia do casamento tradicional.

Por fim, parece que ser a *Outra* não torna essas mulheres diferentes das mulheres de sua geração e meio social. São mulheres que lutam por um espaço próprio e pelo amor e respeito dos que as cercam. Mulheres modernas, intelectualizadas, independentes, que vivem uma experiência amorosa repleta de conflitos e contradições, que podem existir em mulheres que jamais viveram tal experiência. Não são mulheres malignas, perigosas, fatais, promíscuas ou ameaçadoras, como são frequentemente representadas. São apenas mulheres que buscam construir um relacionamento livre, igualitário, fiel e baseado unicamente no amor. Um relacionamento em que elas sejam, ou acreditem ser, as únicas.

Não posso afirmar que seus discursos correspondem às suas práticas. Espero apenas ter ajudado a revelar o que existe por baixo dos estigmas e preconceitos sociais. Quanto mais personagens marginalizados da nossa sociedade tiverem voz e vez, mais poderemos questionar nossos próprios preconceitos e representações sobre casamento, família, amor e fidelidade. Caso este estudo tenha contribuído, de alguma forma, para uma reflexão sobre essas questões, fico satisfeita. Eu, pelo menos, pude reavaliar meus próprios pensamentos sobre a *Outra*. Fica, ao final, a vontade de ouvir os demais personagens envolvidos nesses dramas, mas essas são histórias que serão contadas em um outro momento.

Parte II

A Outra em família

O interesse em estudar a família da *Outra* surgiu quando fui chamada para dar um depoimento sobre infidelidade em um programa de televisão. Meu nome foi lembrado pela produtora do programa, Rita, que havia lido uma entrevista minha sobre o tema. Nesse primeiro contato com a equipe de produção do programa falei sobre os meus estudos que analisam a infidelidade masculina. Após duas horas de conversa com toda a equipe, Rita começou a falar sobre a sua família, especialmente sobre uma de suas irmãs, que é amante de um homem casado. Ela sugeriu uma pesquisa sobre sua família, descrevendo os diferentes arranjos conjugais que existem em seu interior. Conversamos durante uma hora sobre essa possibilidade e marcamos uma nova conversa, na mesma semana, em sua residência. Tive mais três encontros com Rita para conhecer a história de sua família e fui seduzida pela ideia de investigar as diferentes representações existentes sobre a experiência vivida por sua irmã como amante de um homem casado.

Considero essa família um estudo de caso bastante singular por ser um espelho dos diferentes arranjos conjugais possíveis na sociedade brasileira. Pareceu-me enriquecedor, como continuidade à minha reflexão sobre infidelidade, trabalhar com representações de homens e mulheres de um mesmo núcleo familiar. Pensei nessa família como um palco onde estão diversos atores sociais que representam um drama individual, familiar e social.

Entrevistei Ana, a mulher que é amante de um homem casado, Rita, Juca e Lia, seus irmãos, Dora e Paulo, seus pais, e, por fim, Bob, o amante de Ana.^[1] Estes atores interagem e constroem uma representação sobre a *Outra*. O fato dessa representação ser restrita a esse grupo não impede que ela seja utilizada para pensar o que ocorre em certos segmentos da sociedade brasileira de forma mais abrangente.

Iniciei as entrevistas com as mulheres da família: Dora, a mãe, Ana, a *Outra*, Rita e Lia, suas irmãs. Depois entrevistei Paulo, o pai e Juca, irmão de Ana. Por fim, entrevistei Bob, o homem casado, amante de Ana. Realizei as entrevistas nas residências dos pesquisados. A entrevista com Bob foi em seu escritório. Além das entrevistas, tive inúmeras conversas informais com os entrevistados, participei de almoços, jantares e festas familiares. Esses encontros foram importantes para observar e mesmo participar da dinâmica familiar. Conheci vários amigos da família nesses encontros, sendo eu mesma, em vários momentos, considerada uma amiga.

As entrevistas seguiram um roteiro que se centrava na vida conjugal do próprio entrevistado e na dos demais membros da família. A trajetória de cada um e os diferentes arranjos conjugais existentes foram descritos e avaliados por todos, destacando-se o relacionamento de Ana e Bob. Pretendo, com base nos depoimentos, descortinar como é pensada e construída a identidade da *Outra*, como Ana desenha sua

identidade e como seus familiares e amante o fazem.

Brevemente, quero registrar algo sobre os sentimentos envolvidos nesses meses de intenso relacionamento com essa família. Tive muito cuidado para não sair do meu papel de pesquisadora, evitando dar minhas próprias opiniões durante as entrevistas, mantendo o máximo de imparcialidade em todos os encontros. Mesmo assim, foi inevitável que eu me sentisse realmente uma amiga, sendo solicitada a responder questões sobre a minha própria vida. Transcrevo dois trechos do meu diário de campo para retratar os sentimentos ambíguos que vivi.

Difícil estar numa festa de aniversário de uma pesquisada. Não consegui me sentir no papel de pesquisadora, apesar de ser apresentada a todos como a antropóloga que está fazendo um trabalho sobre a família. Também não consegui relaxar e ser apenas uma das convidadas. Foi uma situação estranha, eu observando tudo que acontecia, meio de dentro, meio de fora.

Domingo. Dia das Mães. Foi supergostoso chegar em casa e ouvir o recado de Rita na secretária eletrônica: Mirian, é Rita. Tá todo mundo aqui na casa da mamãe e estamos sentindo muito sua falta, porque você já faz parte da família. Então, se você chegar em casa a tempo, venha até aqui tomar um café com a gente, tá? Um superbeijo, tchau.

Muitas vezes, os depoimentos serviram como uma espécie de catarse para os entrevistados, com emoção e lágrimas. Refleti muito sobre minha postura de pesquisadora para que a proximidade estabelecida não prejudicasse o estudo. Tenho certeza, no entanto, que o clima de confiança e amizade que se estabeleceu contribuiu muito para a riqueza da pesquisa.

[1] Todos os nomes são fictícios.

1

A família da *Outra*

A família de Ana tem uma trajetória muito interessante. São quatro gerações de mulheres marcadas por separações conjugais ou relacionamentos amorosos não aceitos socialmente. A história dessa família é traçada a partir de histórias de mulheres que transgrediram os padrões morais existentes em suas épocas.

Já no início do século passado, a bisavó de Ana (por parte de mãe) casou-se com um *playboy*, contrariando os desejos dos pais. Após 3 anos de casamento, ela resolveu se separar. Sua atitude foi punida pelos pais, com a proibição de sair do quarto e mesmo de se aproximar da janela. Ficou confinada, sem contato com os filhos, que foram criados pelos avós. Segundo Dora, a bisavó de Ana morreu internada em um asilo de loucos por ousar desafiar os padrões morais da sua época. Uma de suas filhas, avó de Ana, jamais se casou. Ativa militante do Partido Comunista Brasileiro, foi ideologicamente contra o casamento e a favor do amor livre, optando por ter dois filhos, com dois homens diferentes, sem estabelecer um vínculo formal com eles. Dora, filha dessa mulher, também se separou do primeiro marido, em uma época (década de 1950) em que não havia divórcio. Rita, Ana, Juca e Lia, seus filhos, já viveram experiências de separação conjugal. Essas histórias de separações foram enfatizadas nos depoimentos como sendo uma marca dessa família, principalmente porque ocorreram em momentos em que a separação era muito mais estigmatizada do que é hoje.

Outro dado que é destacado nos depoimentos é a predominância quantitativa de mulheres na família. Dora foi criada pela mãe e pela tia, que também ajudaram a criar suas três filhas e seu único filho homem. Dos sete netos de Dora, seis são mulheres. Segundo os entrevistados, há um excesso de mulher nessa família. Além de serem numericamente superiores, elas são vistas como mulheres fortes, lutadoras, transgressoras, em contraste com homens fracos, acomodados, apagados. Este fato é importante porque vou analisar as representações sobre a *Outra* em um grupo com um *ethos* e uma visão de mundo influenciados por essas representações de gênero.

A trajetória familiar também é marcada por histórias de participação política intensa. A avó de Ana foi ativa militante do Partido Comunista Brasileiro. O avô foi militante socialista. Dora, durante toda a sua juventude, pertenceu aos quadros do PCB. Atualmente milita em seu sindicato e no movimento ecológico. Rita, Lia e seus maridos são ativos militantes de um partido político de esquerda.

Todos fazem, ou fizeram, muitos anos de terapia psicanalítica, com exceção de Juca. Os quatro

irmãos tiveram experiências com drogas (maconha, cocaína ou ácido) na adolescência.

Dentro desse quadro, posso afirmar que estou trabalhando com um grupo com um *ethos* vanguardista, parte das chamadas camadas médias urbanas, psicologizadas, intelectualizadas e politizadas.

Nessa família convivem diferentes arranjos conjugais. Dora está em seu segundo casamento. O primeiro casamento de Rita foi um casamento aberto: cada um pôde ter (e teve) relacionamentos extraconjugais. Seus outros casamentos foram mais tradicionais, com expectativa de fidelidade mútua. Lia está casada, sendo que ela e o marido moram em casas separadas. Juca, após um casamento tradicional, namora há 2 anos. Ana teve um casamento tradicional e agora vive um relacionamento amoroso com um homem casado, que considera um outro “casamento”. Neste quadro de diferentes tipos de conjugalidade (namoro, casamento aberto, casamento tradicional, cada um na sua casa) destaca-se o arranjo conjugal de Ana e Bob, o “casamento” de uma mulher com um homem, que é casado com outra mulher.

A seguir, uma pequena biografia dos pesquisados:

DORA	64 anos, física com mestrado em sua área. Casou-se aos 22 anos, separou-se 2 anos depois e teve Rita no primeiro casamento. Casou-se aos 27 anos com Paulo, com quem vive até hoje, e teve Ana, Juca e Lia.
PAULO	63 anos, engenheiro aposentado. Casou-se aos 26 anos com Dora.
RITA	40 anos, socióloga e produtora de televisão. Casou-se três vezes, tendo duas filhas, uma de cada casamento.
JUCA	33 anos, matemático e escultor. Tem uma filha de seu primeiro casamento. Atualmente tem uma namorada.
LIA	30 anos, jornalista e artista plástica. Casada há 10 anos, cada um na sua casa. Tem dois filhos.
ANA	35 anos, analista financeira. Casou-se aos 21 anos com Zé, seu primeiro namorado, de quem se separou 7 anos depois. Tem duas filhas. Conhece Bob desde a infância. Ele era seu chefe na época em que o relacionamento começou. Após 3 anos, Ana decidiu romper o relacionamento com Bob, perdendo a esperança de que ele se separasse da esposa. Foram 7 meses de separação. Quando Ana começou a namorar outro rapaz, Bob ameaçou demiti-la do emprego se ela não rompesse o namoro. Ela rompeu e voltou para Bob. Dois aspectos são interessantes de destacar. O primeiro: Bob e sua esposa são amigos íntimos da família de Ana. Segundo: o casamento de Ana com Zé durou 7 anos. O relacionamento com Bob tem 7 anos de duração.
BOB	38 anos, administrador de empresas com mestrado na área. Casado há 14 anos com Shirley, 38 anos, economista. Tem três filhos.

2

O olhar da família: Ela (não) merece ser a *Outra*

Há semelhanças e diferenças no discurso feminino (Dora, Rita e Lia) e masculino (Paulo e Juca) sobre

o relacionamento de Ana e Bob. Todos, de diferentes maneiras, expressam sua desaprovação porque acham que não é o melhor para Ana.

Ana poderia ser mais feliz tendo um homem só dela. Essa relação não vai dar em nada, é parcial e cheia de limitações. Ela está perdendo o tempo dela em almoços e motéis, além de ser uma situação humilhante. A família é marginalizada. Socialmente essa relação não é aceita. (Dora)

Apesar da aparente homogeneidade de opiniões, há uma diferença de ênfase nas desaprovações. As mulheres mostram-se muito mais informadas e inconformadas com o relacionamento, enquanto os homens demonstram um distanciamento maior, procurando avaliar a relação por meio de uma perspectiva social, evitando buscar culpados e vítimas.

A maior reprovação vem da mãe, Dora, que culpa Ana e seu temperamento por essa situação degradante para a mulher. Dora culpa também a si mesma por Ana ter sido uma menina muito desvalorizada intelectualmente e meio deixada de lado porque ela teve problemas sérios com a filha mais velha.

Rita e Lia também consideram importante o fato de Ana ter sido desvalorizada intelectualmente na infância, mas acham que o maior culpado dessa situação é Bob, que manipula as duas mulheres para ter o melhor de dois mundos: a esposa, o lar, os filhos, e a amante. Nos seus discursos, Ana aparece como escravizada, tiranizada, conformada, submissa porque realmente ama Bob. Acreditam que esta situação só é possível porque corresponde à forma de ser de Ana. “Ela quase não tem amigos. Ela gosta de olhar só para o próprio umbigo. Ela tem dificuldade em se dar.” Demonstram certa expectativa de que Bob se separe da esposa ou de que Ana consiga se libertar dele, tendo a chance de encontrar uma relação melhor para ela.

Paulo e Juca fazem questão de afirmar que não se incomodam muito com esse relacionamento, que não fazem juízos de valor ou condenação moral. Dizem que Ana e Bob são igualmente responsáveis pela situação. “É um jogo que só pode ser jogado a dois.”

Entre todos, Dora é a que demonstra estar mais abalada com a situação, porque é ruim para Ana e porque prejudicou a relação de amizade que sempre teve com Bob e Shirley. Rita e Lia consideram a situação muito dolorosa porque Ana é uma mulher linda e interessante que merece algo melhor e não ser a segunda na vida de um homem casado. Paulo se preocupa com a situação parcial, autoflagelante e autodegradante vivida por sua filha. Juca é o que demonstra menos preocupação com a questão. “Também porque ela é minha irmã. Talvez se fosse com minha filha eu me preocupasse mais.”

Os homens responsabilizam Ana e Bob pela relação e, também, buscam explicar a escolha de Bob por meio da cultura brasileira machista. Já as mulheres encontram nas personalidades de Ana, Bob e Shirley os motivos dessa situação. A esposa de Bob também é considerada culpada porque, segundo elas, “sabe de tudo e finge não saber, porque lhe interessa manter o casamento como está”.

Todos acreditam que existe uma falta no casamento de Bob, que faz com que ele precise de uma amante. Em um casamento satisfatório não existiria espaço para a *Outra*. Eles admitem até a ocorrência de infidelidades passageiras (casos ou aventuras) num casamento satisfatório, mas não compreendem a existência de uma relação tão duradoura e intensa como a de Ana e Bob.

Ele usa a Ana para manter o casamento dele. A mulher dele é um negócio e ele não tem coragem de se separar. Ele deveria decidir, escolher, optar com qual das duas realmente quer viver. Se ele gostasse realmente da Ana teria se separado da mulher. A posição dele é muito cômoda e

confortável porque ele não quer renunciar e nem é cobrado pelas duas mulheres. (Paulo)

Ana, no discurso feminino, aparece como uma peça fundamental para manter o casamento de Bob equilibrado, a única peça da engrenagem que pode ser trocada por uma mais nova quando estiver enferrujada. A frase “ele pode trocar uma de 40 por duas de 20” apareceu diversas vezes nos depoimentos das três mulheres. Elas demonstram enorme preocupação com a velhice solitária de Ana, já que acham que, quando ela envelhecer, Bob irá buscar uma amante mais jovem. Todos acreditam que é mais fácil Bob abandonar Ana do que o contrário, apesar de desejarem que ela rompa e encontre outro companheiro. Gostariam que isso ocorresse logo, pois acreditam que com o tempo ficará cada vez mais difícil, pela solidificação do vínculo e pelo envelhecimento.

A falta no casamento de Bob é percebida como uma falta basicamente sexual, que Ana se encarrega de suprir. Consideram que Ana pode ter um bom relacionamento sexual com Bob, com muito *glamour* e romance, motel e champanhe, mas que isso é muito pouco comparado a uma relação com mais companheirismo. As compensações são consideradas pequenas quando comparadas com as de um relacionamento mais pleno e satisfatório, que só pode existir entre duas pessoas completamente disponíveis uma para a outra.

Ela é um passatempo para ele, se ele também fosse um passatempo para ela eu poderia aceitar melhor. Ficar numa situação dessa como se fosse casada, sem as vantagens de um casamento? Ele não é o homem dela, ela pega o que sobra da esposa. Ela só está casada no horário de trabalho, durante a semana. Ela está sempre sozinha, sem companhia masculina. Ela não tem quem a ajude com as filhas e com a casa. Uma relação só para transar e almoçar juntos? (Dora)

Dora, Rita, Lia e Paulo apresentam seus próprios casamentos, com muito companheirismo e divisão das coisas boas e ruins, alegrias e tristezas, brigas e paixão, responsabilidades e compromissos para criticar a relação insatisfatória e extremamente desigual de Ana com Bob. Relações que consideram muito mais verdadeiras, sem *glamour*, mas com muito mais gratificações.

Essa relação é muito dolorosa para toda a nossa família porque a Ana é uma pessoa bonita, interessante. A opinião geral é que há um desperdício de pessoa porque essa relação não vai dar em nada. Ele não é o homem dela. Ele é casado, com família, com responsabilidades familiares e não está pretendendo ficar com ela. Eu acho uma coisa degradante para ela, a pessoa fica muito por baixo. Porque aquele homem está mostrando claramente que para ele é um passatempo, porque a vida dele, a vida econômica, a vida familiar, a vida profissional está ligada à família dele. (Rita)

Dentro desse ideal de completa disponibilidade amorosa e material entre os parceiros, a situação de amante de um homem casado surge como degradante, indesejável, autodesvalorizante e autoflagelante, impossibilitando a plenitude amorosa de Ana. Ela é percebida como uma mulher que sofre, mas que procura não compartilhar sua dor com os familiares para que eles não interfiram em sua vida.

Uma série de acusações são acionadas quanto ao comportamento e à personalidade de Ana, por não ser como as outras mulheres da família, por ser muito pragmática, esquemática, acomodada, submissa, covarde, dura afetivamente, gostar da solidão, não pedir ajuda, ter dificuldade em se dar, não se valorizar suficientemente, ser dependente psicologicamente de Bob e ter uma situação cômoda porque não tem que

assumir responsabilidades.

Dora, Rita e Lia fazem uma associação entre essa personalidade diferente e a busca de uma relação que não corresponde aos desejos e expectativas delas próprias. Afirmam que nunca aceitariam um relacionamento de mentiras, insatisfações e o fato de ser escondida. As três acreditam que poderiam viver assim por algum tempo, mas que o homem teria que escolher. Também dizem que não suportariam viver como a esposa traída que finge nada saber para manter o casamento a qualquer custo. Afirmam que mesmo amando muito o parceiro romperiam a relação caso ele não quisesse escolher. Ana aparece com um tipo de temperamento e personalidade capaz de aceitar algo que elas nunca aceitariam. Juca, em seu depoimento, afirma que é este fato que incomoda tanto as outras mulheres da família, porque elas se projetam e não aceitam que Ana possa estar levando relativamente bem um relacionamento que elas consideram inaceitável para elas.

Paulo e Juca dizem que não conseguiriam viver o papel de Bob, com dois relacionamentos simultâneos e duradouros. Acreditam que poderiam até ter casos ou aventuras passageiras (que afirmam não terem tido durante seus casamentos), mas não uma amante durante muito tempo. Acham que fariam uma escolha, que se separariam de uma delas.

Bob é visto como um homem que nunca vai se separar da esposa, lar e filhos porque estes são um negócio do qual ele jamais vai querer se desfazer. Um negócio bem-sucedido, já que tem uma casa lindíssima, um bom patrimônio, três filhos e uma mulher maravilhosa.

A Shirley tem um excelente salário, é simpática, agradável, interessante, bonita, alegre, superinteligente, boa mãe, boa dona de casa. Ela é uma mulher e tanto, deixar aquela mulher seria mesmo muita burrice. Se a Ana não faz questão que ele deixe, ele vai ficar com ela a vida inteira. A esposa e a família de Bob são uma firma, uma sociedade que ele administra muito bem. Mesmo que Bob rompesse com a esposa, ele jamais seria um bom marido, porque existe muita mágoa desses anos todos e porque ele é autoritário, manipulador, mentiroso, cínico, desrespeitoso, escroto, filho da puta. (Rita)

Essas acusações vêm das mulheres. Os homens dizem que Ana sabia muito bem onde estava entrando. Acham que Bob jamais prometeu se separar ou disse algo para iludi-la.

Todos afirmam que jamais perceberam qualquer tipo de discriminação social contra Ana, nem por parte dos amigos e, muito menos, dos familiares. Nunca sentiram nenhum problema com relação a preconceitos ou acusações, apesar de reconhecerem que Ana “saiu da estrada no sentido social” ou que “socialmente esse tipo de relação não é bem aceita”.

A família é uma importante fonte de apoio afetivo, psicológico e material, já que Ana quase não tem amigos. Os finais de semana, em que Ana ficaria sozinha, ela passa junto aos pais e irmãs. O próprio fato de Bob e Shirley serem muito próximos da família de Ana possibilita que eles possam conversar e possam, de certa forma, partilhar da relação.

A Ana fez uma coisa engraçada. Ao mesmo tempo em que ela quis ter uma coisa secreta, nessa família que é tão cheia de tentáculos, os laços são tão apertados, ela foi buscar uma pessoa que ela tirou da própria família. Ela quis ter uma relação à parte e ao mesmo tempo ela pegou alguém que é da família, amigo íntimo nosso. (Lia)

Ao avaliarem os outros arranjos conjugais existentes na família, nenhum apareceu como problemático. É

verdade que Dora prefere que os filhos não se separem, mas só se o casamento for satisfatório. Se não for, ela diz que é muito melhor se separar. Apontam como modelo de casamento desejado “o papai, a mamãe, os filhinhos em uma casinha bonitinha”, mas sabem o quanto é difícil, ou até mesmo impossível, conseguir ter esse tipo de relacionamento hoje em dia. Dora e Paulo demonstram bastante satisfação com o próprio casamento, com a convivência cotidiana e partilhada. Rita, Juca e Lia apontam como principal problema do casamento o desgaste provocado pelo cotidiano.

Para todos os pesquisados, o casamento em casas separadas aparece como uma possível solução para evitar esse desgaste, ao mesmo tempo em que permite um relacionamento com companheirismo e compromisso. Manter o espaço de cada um, a privacidade, o clima de respeito mútuo e de romance aparece como mais fácil num casamento em casas separadas.

3

O olhar da *Outra*: Minha pequena história errada

O depoimento de Ana é muito instigante porque ela faz uma comparação entre os dois tipos de arranjos conjugais que viveu: um casamento tradicional com Zé, de 7 anos, e a situação de amante de um homem casado, que dura 7 anos.

O principal problema apontado por ela no casamento tradicional é o desgaste provocado pelo cotidiano.

É aquela coisa morna, sem tesão, sem prazer, sem emoção, sem estímulo. Um profundo cansaço do casal, uma vidinha medíocre. Todo mundo vira bancário quando se casa e esquece de fazer a manutenção que o casamento exige. (Ana)

Diz que no casamento as diferenças individuais são mais difíceis de serem toleradas e que Zé tinha muita inveja e competia muito com ela, não acompanhando seu crescimento como mulher. No entanto, Ana afirma que sente falta da vida doméstica e familiar, da companhia masculina nas noites de frio, das viagens conjuntas e da ajuda para resolver problemas domésticos. Ela diz que o “casamento” com Bob concilia, pelo menos parcialmente, duas necessidades: a de manutenção do clima de romance, paixão e tesão (que se desgasta no casamento tradicional), com companheirismo, solidariedade, amizade, apoio afetivo e financeiro.

Bob é visto como um companheiro da cabeça aos pés porque concilia o tesão e o papo, o *glamour* com uma rotina intensa e diária de dez horas por dia, sem sofrer o desgaste de uma convivência tradicional. Para Ana, essa relação possibilita a manutenção da paixão, da emoção, do prazer e da admiração mútua, ao mesmo tempo que preserva o espaço próprio de fazer o que quiser e de ficar só. “Ele não invade minha praia.” Ela acredita que assim as diferenças individuais são mais toleradas. “Eu gosto de música e ele não, ele ronca pra caralho, ele votou no filho da puta do Collor”, diferenças que atrapalhavam um casamento tradicional.

Ana diz que há uma atenção muito maior à manutenção da relação. “Eu não faço cocô na frente dele, eu sempre o recebo bonita, arrumada e cheirosa.” Diz que mantém um clima de romance, *glamour*, que

provoca inveja nas suas irmãs e amigas casadas que têm uma vidinha medíocre. Ela fala da importância do sexo, mas diz que não é só isso, pois Bob é seu companheiro em todos os níveis.

Sem ele eu não seria nada profissionalmente. Ele me ensinou tudo o que eu sei. Não sei como viveria hoje sem a ajuda financeira que Bob me dá. Bob é meu homem, meu homem inteiro mesmo, é a pessoa com quem eu mais conto, para as coisas boas e ruins. Ele é o homem da minha vida, na vertical e na horizontal. Ele é o melhor homem que eu tive na cama, o melhor disparado, desde a primeira vez. Ele é meu tudo, meu bem, meu zen, meu mal. (Ana)

Ana demonstra profunda admiração por Bob, que “sabe ser exatamente o que um homem deve ser: forte, caçador, guerreiro, ambicioso, charmoso e envolvente”. Compara Bob com os homens fracos de sua família ou com os maridos bonzinhos das irmãs, dizendo que esta é uma grande diferença entre elas. Afirma que seria incapaz de conviver com um homem fraco. Diz que se sente completa como mulher e amante, e muito feliz com essa relação que hoje em dia só lhe traz prazer e felicidade. Conta que já sofreu muito com as ausências dele em datas festivas, com a interrupção de discussões porque ele tinha hora para chegar em casa, com o fato de ele não assumir a relação, com os momentos de solidão, mas que hoje aceita e vive como se estivesse casada com um aleijado, com uma pessoa com limitações, faltas, defeitos. Apesar disso, ela diz que viveria o dobro desse “casamento” e não conseguiria viver o dobro do primeiro. Acredita, no entanto, que o casamento tradicional é a forma mais perfeita de viver com alguém que se ama, desde que se tenha maturidade para cuidar cotidianamente da relação.

Ana tem certeza de que “hoje não deixaria a peteca cair tão facilmente e saberia preservar o casamento para que ele não sofresse o desgaste que o ameaça”. Diz que gostaria muito de se casar com Bob e ter um filho, mas não acredita que ele vá se separar da esposa. Revela também que, apesar de se sentir casada 90 por cento do tempo, tem muito medo de ficar velhinha sendo a *Outra*, sem um companheiro ao seu lado.

Eu me sinto a mulher do Bob, mas num casamento de um nível inferior, com menos recursos, menos disponibilidade do que o casamento de Bob com Shirley. É um segundo casamento, uma bigamia não igualitária. (Ana)

Ana justifica esse segundo casamento não como uma ameaça ao primeiro, já que Bob não pretende se separar, mas, ao contrário, como uma peça fundamental para sua manutenção. Ela se vê como um complemento necessário ao casamento de Bob, papel que poderia ser desempenhado por outras mulheres.

Ele precisa de alguém que converse com ele, que trepe direito com ele. Eu acho que se eu sair desse tripé, se essa perna for embora, ele vai ter que botar outra coisa no lugar. Eu sou o complemento mesmo para a manutenção daquele lar. Sou eu, Ana, mas poderia ser Joaquina, Manuela, Tânia, Sebastiana, o diabo, mais uma perna para uma mesa capenga. A minha posição é fundamental para a manutenção do casamento dele. (Ana)

Ana acredita que a esposa do amante sabe de tudo, mas finge que não sabe porque não quer perder Bob.

A mulher dele é realmente admirável, é uma pessoa extremamente competente profissionalmente, bem-sucedida, uma tremenda executiva. Ele tem um bom casamento, na visão dele, ele tem uma

boa companheira, uma boa mulher, uma boa mãe. Ela é uma mulher completamente independente financeiramente, só que é completamente dependente de Bob, sem vida própria, ela não tem a menor individualidade. (Ana)

Para Ana, o fato de Shirley precisar do marido para sair ou para receber os amigos do casal pode servir como chantagem para Bob, já que ele tem medo de se separar e deixá-la sozinha.

A Shirley é muito superficial, não fala muito dela, das crises. Está tudo sempre muito bem, não tem depressões, aflições, está tudo sempre muito perfeito. Ela passa batida pelos problemas, é o tipo que não quer ver a realidade. Não quer enxergar as coisas. Bob me disse uma vez que ela não gosta de trepar. (Ana)

Ana justifica assim sua existência como amante de Bob, como complemento na cama e nas conversas mais profundas.

Ana diz que a verdadeira traição de Bob é mentir para Shirley, e não o fato de ter uma amante. Ana não se sente traída, pois considera Bob muito sincero com ela e isso é fundamental, já que a verdadeira traição seria a mentira. “Bob nunca mentiu para mim, nunca.”

Ana diz que demorou muito para contar para sua família porque sabia que eles iriam ficar chateados, já que desejam o melhor para ela. Diz que só contou quando ela própria aceitou a relação, o que demorou muito. Antes disso, sentia-se “fraquinha” para conviver com as críticas familiares. Afirma que nunca sentiu qualquer tipo de discriminação, nem por parte dos familiares nem dos amigos ou colegas de trabalho.

Ana busca construir sua identidade não como a *Outra* (apesar de assim autorreferir-se muitas vezes), mas como a mulher de Bob.

O importante para mim é que eu não me sinto a *Outra*, eu me sinto uma mulher casada, com todas as responsabilidades e compromissos de uma mulher casada. (Ana)

Busca valorizar o papel que assume por meio do contraste com outros casamentos (de Bob com Shirley, das irmãs com os cunhados, dos pais e das amigas). Para ela, Bob é o oposto dos homens fracos de sua família, e o seu “casamento” com ele é o oposto do “cansaço, da mediocridade, da dependência, da mentira, da hipocrisia, da superficialidade, da invasão, da falta de respeito e de amor” que percebe nos demais casamentos. Os outros entrevistados denunciam essa visão de Ana sobre Bob e seu “casamento” como romanceada ou idealizada, uma forma de Ana não encarar a realidade de uma relação humilhante e insatisfatória.

4

O olhar do homem casado: Minhas duas mulheres

Bob, em todo o seu depoimento, enfatiza as diferenças biológicas entre a natureza feminina e a natureza

masculina.

A mulher para desenvolver plenamente o seu corpo precisa de um homem. O útero, por exemplo, só se desenvolve quando ela tem um parceiro masculino. O homem já é mais independente. Por isso pode existir um homem que é aquele cientista maluco, que fica todo o seu tempo num laboratório estudando barata, e já é mais difícil encontrar uma mulher assim. O homem às vezes encontra um certo equilíbrio fazendo coisas, a mulher não. O homem é menos dependente. A mulher só sabe encontrar respostas em terceiros, ela não está habituada aos feitos. A natureza do homem é fazer e a da mulher é sentir. (Bob)

Por isso, diz, vive hoje dois “casamentos”, porque os dois são feitos, coisas que ele construiu na sua vida, e “eu não me desfaço dos meus feitos”. Difere um caso ou uma aventura de um casamento, algo em que ele investe e tem um custo alto.

Tive muitos casos e aventuras antes da minha relação com a Ana. É muito diferente do que o que eu tenho com ela. O nosso relacionamento é um feito. É um casamento. É uma construção como qualquer outra, e é importante nessa medida. E num certo sentido minha relação com a Ana é um feito, eu estou montando uma empresa para ela. (Bob)

Bob compara seus dois casamentos, caracterizando um como antigo e outro como moderno, em função dos vínculos formais do primeiro e os não formais do segundo.

Nesse sentido, minha relação com a Ana é muito mais moderna, muito mais estruturada em cima de um entendimento psicológico do que de qualquer outra coisa. Estou com ela porque estou com ela, porque gosto de estar com ela, não porque tenho uma casa com ela, porque tenho filhos com ela. Ela não tem vínculos formais comigo e não tem outros interesses que não o de estar junto. (Bob)

Bob diz que o mais importante no seu casamento com Ana é o entendimento psicológico e não os vínculos obrigatórios, casa e filhos. Para ele, esse entendimento psicológico tem a ver com um conhecer do avesso o outro, conversar muito, ter identificação, ter troca. Diz que no seu outro casamento o vínculo se dá em função dos filhos, do lar, do patrimônio. Segundo ele, são dois tipos de sociedades diferentes, com mulheres diferentes.

Bob afirma que não existe nenhuma falta em seu casamento com Shirley que o faça ter uma amante. Diz que tem uma vida familiar normal e sem brigas com a esposa, com sexo, afeto, muitas conversas, trocas, alegrias, tristezas e responsabilidades. Diz que Ana e Shirley são suas duas mulheres e que é o homem das duas, considerando possível ter dois amores diferentes com pessoas diferentes.

Essa conceituação romântica de que o amor é uma coisa única, que só se sente por uma pessoa, é uma besteira enorme. Meu casamento vai muito bem, obrigado, não há uma falta no meu casamento. A relação extraconjugal não significa absolutamente que exista uma falta no casamento. Por mais que você pergunte a Ana e ela vá dizer que sim, eu vou dizer que não. Não há nenhuma falta. É uma presunção enorme das amantes achar que precisa haver uma falta para elas

existirem. Você dorme mais tranquila acreditando nisso. Na verdade eu acho que o fato de não existir uma falta no meu casamento até valoriza minha relação com a Ana. Ela não existe na minha vida por causa de uma necessidade do casamento em si. (Bob)

Diz, no entanto, que se não tivesse Ana trairia a mulher de qualquer jeito, “porque a oferta está um negócio de doido”.

Considera que a sexualidade masculina é completamente diferente da feminina, que o homem é capaz de ter um relacionamento puramente carnal, enquanto a mulher tem necessidade de um romance. Por acreditar nessa diferença entre homens e mulheres, não admite que nenhuma das suas duas mulheres lhe seja infiel. “É condição *sine qua non* para os dois casos. Se não for fiel, dança.”

Bob enfatiza que considera a relação sexual secundária nos seus casamentos. Para ele, o diálogo marca muito mais do que o sexo, não que ele não seja importante, mas é secundário. Afirma que pretende manter seus dois casamentos e acha uma besteira enorme pensarem que pode trocar Ana por uma amante mais jovem. Faz uma série de acusações aos homens que buscam mulheres muito mais jovens.

Eu acho que só homens muito doentios fazem isso. Eu jamais me envolveria com uma pessoa 20 anos mais jovem do que eu. É muito improvável que tenha experiência de vida para trocar com ela. É só vaidade, é basicamente isso. Acho muito ridículo quando vejo esses velhos com garotinhas. (Bob)

Bob aponta os conflitos e o estresse causados por seus casamentos, com muita cobrança e exigência por parte das duas, mas muito mais por parte de Ana.

Com minha mulher eu poderia até ser melhor, mas não em função do outro relacionamento. Eu não dou o máximo que poderia dar. Com a Ana eu não sou melhor porque sou casado. Eu faço falta a Ana e não me considero em falta com minha mulher por causa da Ana. Uma relação cotidiana tranquila tem muito menos estresse do que na relação com a Ana. É muito maior o desgaste, você está submetido a um crivo muito mais rigoroso porque a própria relação não é aceita. Para a Ana ficar comigo é muito mais difícil. Sem dúvida nenhuma o casamento tem algumas compensações que esse relacionamento não tem. (Bob)

Bob discorda, veementemente, que o relacionamento com Ana tenha mais *glamour* do que o casamento com Shirley.

No começo, talvez, depois não tem *glamour* nenhum. Tem *glamour* para os outros. O que a gente tem é uma restrição danada. Que *glamour*, pô? É uma relação que tem 7 anos já. Eu não consigo mais ser glamoroso, ela sabe o que eu sou, eu sei o que ela é. Como em qualquer casamento, perde o clima de romance. Para uma pessoa que está de fora pode até ser. A Ana é uma mulher que tem encontros furtivos. Furtivos, porra nenhuma. Almoços chatíssimos em que eu estou preocupado com o trabalho, em que ela está chateada. No começo tem, mas depois é uma relação cotidiana mesmo. E tem mais, eu brigo para ser. Isso é a vida, é a realidade, não adianta fantasiar as coisas. Para mim não tem *glamour* nenhum. Quem procura, quem faz questão disso, acha *glamour*. Quem não está a fim não vai achar. (Bob)

Bob tem certeza de que sua esposa, apesar de nunca ter dito nada para ele, sabe de Ana. “Eu nego veementemente se for confrontado com o fato, até por respeito a ela.” Tem certeza de que Shirley sabe porque ela já comentou com alguns amigos. Bob sabe que essa situação a incomoda “pra cacete”.

Ela tem que levar assim, como se não soubesse de nada. Ela não discute o fato porque não quer criar conflito. Ela tem um grande interesse em me agradar. A formação familiar da minha mulher é uma formação antiga, em que o marido é o principal membro da família. Ela é uma mulher extremamente inteligente, muito ativa, independente, muito agradável, de convívio fácil, bonita, com muita vivacidade intelectual e alegria de viver. (Bob)

Bob diz que Ana é “uma mulher vibrante, perceptiva, aguerrida, bonita. Basicamente isso, não vou jogar muito confete nela não”.

Não aponta nenhum defeito sério nas duas, nada que o impeça de conviver com elas. Já pensou em se separar da esposa, apesar de não ter comentado isso com Ana, para não criar expectativas, e, caso isso ocorresse, iria morar com ela. Diz que não há nenhuma incompatibilidade entre os dois que os impediria de viver juntos, só bobagens, “como o fato dela gostar de sair e eu não”.

Considera-se um homem conservador, acreditando que um homem moderno não manteria esse tipo de relação e provavelmente se separaria de uma das duas.

Bob acha natural que a família de Ana critique a relação.

São pessoas que gostam dela e querem para ela o melhor possível, e essa relação certamente não é. É incompleta e cheia de furos, mesmo que ela considere essa relação até melhor que outras que ela conhece. As outras pessoas não têm os mesmos elementos que ela para fazer esse julgamento. (Bob)

Não acha que Ana tenha “uma personalidade adaptada ao papel de amante, o que houve foi um casamento de personalidades entre os dois”. Diz que conhece mulheres que têm a “patologia” de querer ser amante, mas que Ana não é uma delas. “Foi muito difícil para ela aceitar essa relação.” Considera que sempre foi sincero com Ana, jamais fazendo promessas de se separar, e que ela sabia onde estava entrando. Diz que suas duas mulheres podem optar por sair do relacionamento e encontrar outros parceiros, já que ele mesmo não vai fazer nenhuma mudança nessa situação. Diz que sofreria muito caso Ana ou Shirley o deixassem.

Acredita que esse tipo de relação, do homem casado que tem uma amante, está mudando muito, porque as partes estão mudando, mas não está se extinguindo.

As pessoas não conseguem manter uma postura tão moderna. Conheço vários casos, mas nas camadas mais pobres. Rico é muito mesquinho, só pensa em dinheiro, em quanto vai perder nessa brincadeira. Tem um custo e não é barato não. A Ana está recebendo uma ajuda por uma questão circunstancial, não vai ficar assim a vida inteira porque não quero, não é bom para mim, não é bom para ela, nem para a relação. Mesmo assim, indiscutivelmente, tem um custo para o homem, porque existe o cavalheirismo. O cavalheirismo não está em extinção e é uma exigência que as mulheres vão fazer muito violentamente nos próximos anos. (Bob)

Ser (ou não ser) a *Outra*

A preocupação central aqui é analisar as diferentes representações sobre a *Outra* existentes no seio de uma família. Adoto como perspectiva teórica o interacionismo simbólico, acreditando que o mesmo acontecimento tem diferentes significados para diferentes pessoas. Dentro da perspectiva interacionista não existe a atividade desviante em si, sendo o desvio fruto de um processo interativo entre acusadores e acusados. O comportamento desviante é o comportamento assim rotulado pelas pessoas.

Analisando os depoimentos da família de Ana, percebe-se claramente que a situação de amante de um homem casado é considerada desviante, possui um estigma, uma marca diferencial negativa quando comparada com os outros tipos de arranjos conjugais percebidos como desejáveis.

Para Goffman (1975), o termo estigma é usado como referência a um atributo profundamente depreciativo, que está vinculado a uma linguagem de relações e não ao atributo em si mesmo. O estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas e sim perspectivas que são geradas em situações sociais em virtude de normas não cumpridas.

Neste sentido, não é o fato de ser amante de um homem casado que importa, mas como os atores sociais ligados à situação reagem a ela. Nos depoimentos dos familiares, percebe-se claramente que essa relação é indesejável, que não deveria ser aceita, porque não é o melhor para Ana. Uma situação considerada degradante, autoflagelante e socialmente estigmatizada.

Para Becker (1996), o mais importante para o estudo da conduta considerada desviante é que os pontos de vista das pessoas que participam de tal conduta são muito diferentes dos das que as condenam. Esta é uma questão crucial neste estudo. O discurso de Ana busca valorizar seu “casamento” com Bob, ressaltando os aspectos positivos da situação, enquanto os de seus familiares enfatizam os aspectos negativos, considerando as compensações muito pequenas quando comparadas às gratificações de um relacionamento tido como não desviante.

Para os pesquisados, a relação de Ana e Bob é desviante em três níveis: no individual, no familiar e no social. No individual, porque é uma relação incompleta e cheia de faltas, causando sofrimento a Ana. No familiar, porque a família sente-se marginalizada desse relacionamento, já que não pode partilhar da convivência do casal. No social, porque é uma situação humilhante, degradante, estigmatizante, que desvaloriza qualquer mulher.

Cabe aqui uma breve reflexão sobre o estigma que cerca a mulher que é amante de um homem casado, enquanto o homem que é amante de uma mulher casada aparece com um certo prestígio social, o popular “Ricardão”, que nem é chamado de *Outro*. Esse homem consegue transgredir a honra alheia, consegue seduzir a mulher do próximo. O estigma recai não sobre o amante da mulher casada mas sobre o marido traído, o corno. O estigma recai sobre quem falhou em suas obrigações sexuais e no controle da conduta sexual da esposa. Pitt-Rivers (1965) destaca que, na cultura mediterrânea, a infidelidade da amante também faz do homem um corno, já que qualquer mulher a que ele se dedique deve lhe ser fiel. Bob, em seu depoimento, enfatiza o dever de suas duas mulheres lhe serem fiéis, caso contrário “elas dançam”.

Para Goffman (1975), uma estratégia amplamente empregada pelos indivíduos que vivem situações estigmatizadas é dividir o mundo em um grupo sobre o qual eles se apoiam e outro no qual eles escondem o estigma. É nessa perspectiva que se pode entender quando Ana diz que tem principalmente na família e nos amigos seu grupo de confidentes que lhe dá apoio. Ela lembra que durante mais de 3 anos escondeu o relacionamento de sua família, de suas irmãs e de suas amigas íntimas.

Bob registra o estresse que essa situação causa, com as exigências de dedicação e atenção por parte das suas duas mulheres e pelo medo de ser descoberto em lugares públicos com Ana, tendo muito cuidado em selecionar onde pode e não pode ser visto com ela.

O desviante social acredita, frequentemente, que a vida que leva é melhor do que a vivida pelas pessoas que o cercam. Essa crença pode ser claramente percebida no depoimento de Ana, que rotula de vidinha medíocre o casamento de suas amigas e percebe um profundo cansaço no casamento das irmãs e dos pais.

Ana sofre uma dupla acusação de desvio: ela é desviante porque é amante de um homem casado e ela é desviante por apresentar defeitos que as outras mulheres da família não possuem. Em primeiro lugar, por não cumprir um dos papéis femininos mais esperados na sociedade brasileira: o de esposa. Ela vive um arranjo conjugal considerado ilegítimo pelos familiares, que apresentam uma gama de outros arranjos perfeitamente aceitáveis. Em segundo lugar, seu temperamento é considerado diferente do das demais mulheres da família porque não se valoriza suficientemente, gosta de ficar sozinha, é dura afetivamente, é egoísta. Nestas acusações sobre o modo de ser de Ana, os familiares buscam a justificativa para o fato de ela aceitar viver uma situação estigmatizada.

Os outros arranjos conjugais possíveis (namoro, casamento tradicional, casamento aberto, casamento em casas separadas) são colocados como alternativas conjugais legítimas e desejáveis para Ana, sendo que ela optou por uma situação ilegítima porque lhe convém, porque combina com sua forma de ser.

Pode-se perceber, por meio do depoimento de Ana, como essas acusações são (ou não) internalizadas. Ela parece desenvolver mecanismos de defesa ou racionalizações que justificam seu “casamento” com Bob, considerando-o melhor do que os outros casamentos, com mais romance e *glamour*. No entanto, demonstra o desejo de casar e ter um filho com Bob, cumprindo assim um *script* positivamente reforçado pela família e pela sociedade. Tem certeza de que esse sonho não será realizado, e por isso está conformada em viver um segundo casamento, um casamento de nível inferior, com menos recursos e disponibilidade de tempo. Considera-se “casada” e somente 10 por cento do tempo a *Outra*, já que acredita que não age como tal. Deixa de ser a *Outra* para ser a mulher de Bob, já que estão dez horas por dia juntos, no mesmo local de trabalho.

A mãe e as irmãs de Ana criticam o fato de ela agir como casada com um homem que não é dela, cujas responsabilidades familiares e econômicas estão vinculadas à esposa. “Ela se sente casada sem as compensações de um casamento verdadeiro.”

O depoimento de Ana tem muitas ambiguidades. De um lado, a visão romanceada de seu relacionamento com Bob. “Eu me sinto completa como mulher e como amante. É um relacionamento que só me dá prazer e felicidade.” De outro, o reconhecimento de uma posição de inferioridade, já que Bob coloca em primeiro plano a manutenção de sua família. “Eu sou um complemento para o casamento dele. Se não fosse eu, seria uma outra mulher qualquer.” Em alguns momentos, Bob é o companheiro perfeito, o homem que sabe cumprir seu papel de homem caçador, guerreiro, ambicioso, forte, provedor, charmoso e envolvente. Em outros, é um aleijado, um homem cheio de limitações e defeitos.

Ana acredita que num casamento tradicional as diferenças individuais como “ele votar no filho da puta do Collor ou roncar pra caralho” seriam mais difíceis de serem toleradas.

O conceito de desmapeamento proposto por Figueira (1985) é interessante para refletir sobre as

ambiguidades de Ana: a nostalgia da segurança e o desejo de um casamento tradicional e a valorização de um relacionamento sem vínculos obrigatórios e sem o desgaste do cotidiano. De acordo com o autor, as mudanças sociais são rápidas e visíveis, não sendo acompanhadas no mesmo ritmo e intensidade pelas subjetividades individuais, que incorporam ideais modernos sem eliminar os arcaicos, que permanecem invisíveis dentro dos sujeitos. Esse descompasso entre aspectos visíveis e invisíveis leva à coexistência de mapas, ideais e normas contraditórias, que muitas vezes é insuportável. A convivência do ideal arcaico, que permanece ativo e poderoso num plano mais inconsciente, com um ideal moderno, no plano mais consciente, gera o desmapeamento.

Acho interessante, também, utilizar essa ideia para pensar o depoimento de Bob. Ele afirma viver, simultaneamente, dois tipos de casamento, um antigo (com vínculos formais) e outro moderno (estar junto apenas porque gosta de Ana). Ao mesmo tempo considera-se um homem conservador, uma vez que “um homem moderno não manteria esse tipo de relacionamento do tempo dos coronéis, da casa civil e da casa militar”.

Para Figueira, há algumas décadas, os limites eram claros. Hoje, o que se percebe é que as pessoas oscilam entre os modelos mais tradicionais e mais modernos e não parecem satisfeitas com nenhum. Estão em pleno reino da desorientação. A única coisa que se reforça é a ideia de que as pessoas devem optar, escolher e construir seus estilos de vida e relacionamento.

Nas representações do grupo estudado, encontro, de um lado, as relações marcadas pela obrigatoriedade, formalidade e interesses e, de outro, as relações marcadas pela escolha individual e pelo prazer. O amor é categoria central neste segundo tipo de relação. Outra categoria fundamental que surge nas representações sobre o casamento moderno é a igualdade.

O casamento moderno parece depender cada vez mais da ideia de amor romântico e menos da ideia de contrato. A regra está menos em ter um código exterior e mais em buscar as soluções caso a caso.

No casamento moderno, desejos contraditórios criam uma série de tensões e conflitos muitas vezes impossíveis de serem solucionados. A exigência de uma vida compartilhada e, ao mesmo tempo, a reivindicação de privacidade e de um espaço próprio. O desejo de um projeto comum coexistindo com os projetos individuais. O respeito às mudanças individuais e a necessidade do crescimento a dois. Salem (1987) constata que, nesse modelo, o casal converte-se em uma unidade tão carregada de sentidos e expectativas que não é de todo surpreendente que, nele, seja alta a probabilidade de implosão.

A família conjugal (pai, mãe e filhos) permanece como modelo para os entrevistados, sendo que em torno deste modelo constroem-se alternativas de relacionamento. Nas alternativas propostas, coexistem o que consideram os aspectos positivos do casamento tradicional e as aspirações modernas de um relacionamento amoroso. É ao redor de valores nomeados como preservação do espaço individual, privacidade, igualdade, liberdade e respeito mútuo que se busca evitar o desgaste causado pelo cotidiano. É interessante lembrar, a partir dos depoimentos, a ideia de casamento extraconjugal de Béjin (1987): um relacionamento que não seja efêmero, mas também não seja obrigatoriamente definitivo, sendo a duração renegociada todos os dias, baseado em desejos internos (e não em coerções sociais) e na igualdade entre os parceiros amorosos.

A opção de ser amante de um homem casado não aparece como legítima para os familiares de Ana, já que existem muitas outras alternativas desejáveis que não ferem (pelo menos não tão dramaticamente) o modelo idealizado de casamento e de família. Uma das soluções mais apontadas pelos entrevistados é o casamento em casas separadas, que combina compromisso e espaço próprio, intimidade e privacidade, convivência a dois e liberdade individual.

Construí, a partir dos depoimentos, um quadro com as oposições operantes na classificação dos pesquisados entre o casamento tradicional e o casamento moderno.

CASAMENTO TRADICIONAL

vínculo obrigatório
dever
traição
mentira
parcialidade
invasão
segurança
desgaste do cotidiano
perda do tesão
rotina
competição
intolerância
dominação
dependência
hierarquia
falta de comunicação
distância

CASAMENTO MODERNO

vínculo amoroso
escolha
fidelidade
honestidade
totalidade
privacidade
batalha diária
manutenção da relação
tesão
romance
companheirismo
respeito
liberdade
independência
igualdade
diálogo
intimidade

Cabe destacar que, para os entrevistados, a figura da *Outra* só é possível no modelo de casamento tradicional. A partir daí, a *Outra* pode também ser pensada como tradicional ou moderna, de acordo com o vínculo que estabelece com o amante. A *Outra* tradicional é representada como uma mulher com interesses financeiros. A *Outra* moderna, como tendo um único vínculo com seu parceiro: o amor.

Eu nem ajo como a *Outra*. Eu não mando consertar a cadeira porque não quero pedir dinheiro para ele, que já está com tanto compromisso. Eu não compro as roupinhas para mim porque não seria do meu dinheiro. Eu só estou com o Bob por amor. (Ana)

O interesse econômico aparece como o mais importante fator de estigmatização da *Outra*, talvez por ser associado à prostituição, o que faz com que ele seja negado, ocultado ou considerado transitório e indesejável. A tolerância familiar só é possível porque todos acreditam que Ana é verdadeiramente apaixonada por Bob, e seu amor é percebido como desinteressado, como mostram os depoimentos do pai e da irmã.

Ela não toma dinheiro dele. Nem ela melhorou o padrão de vida dela, nem usufruiu alguma coisa que não seja o pouco que recebe. Eu acredito que ela está com ele porque é verdadeiramente apaixonada. (Paulo)

No último aniversário ele deu para ela uma cafeteira elétrica. Isso é presente que se dê para a amante? Para a amante se dá joias, roupas finas. É como se estivessem casados. Hoje uma cafeteira, outro ano um liquidificador... vai virar a mulher dele. Não tem o mistério, o sabor de

uma amante. (Lia)

Nas representações de Ana e de seus familiares, Bob contraria o ideal igualitário, já que detém o poder de iniciativa e decisão em seus dois “casamentos”. Bob teria necessidade das duas mulheres: a esposa, que representa a segurança familiar, o lar construído, os filhos, o patrimônio e a estabilidade; e Ana, que supre o que falta: a cama e o papo.

DaMatta (1987) chama atenção para como o triângulo amoroso pode ser tomado como positivo e não como negativo, como sempre é feito quando lemos a ambiguidade como algo perigoso e terrível, como um pecado a ser exorcizado. O ambíguo pode ser percebido de forma complementar, sendo capaz de reunir desejo e lei, liberdade e controle, trabalho e malandragem, sexo e casamento, descoberta e rotina, excesso e restrição. O triângulo pode ser assumido e até desejável, já que o homem é um ser repleto de desejos contraditórios, impossíveis de serem satisfeitos por um único indivíduo.

Ana não se considera uma ameaça ao casamento de Bob, sendo, ao contrário, uma peça fundamental para mantê-lo estável e duradouro. Utiliza a imagem de um tripé para falar de seu “casamento”, sugerindo a ideia de equilíbrio a três. Considera-se uma das pernas sem a qual o casamento de Bob não se sustentaria, perna que pode até ser substituída por outra mulher, mas que será sempre necessária.

Ana e seus familiares dizem que ela preenche um espaço vazio no casamento de Bob, acreditando que um casamento satisfatório não teria espaço para um vínculo estável e duradouro com outra mulher. Acreditam que poderia até ocorrer infidelidades passageiras (casos ou aventuras), mas não um relacionamento como o de Ana e Bob, de 7 anos. Paradoxalmente, Ana é, a um só tempo, uma pessoa desviante socialmente e mantenedora da ordem tradicional e da família.

Bob não aceita a ideia de tripé, dizendo que o casamento dele “vai muito bem, obrigado”, sem faltas ou insatisfações, sem nenhuma necessidade que precise ser preenchida por outra mulher. Considera que o relacionamento extraconjugal “acontece”, e que, no seu caso, transformou-se em um feito, um investimento, do qual ele não quer se desfazer. São duas sociedades diferentes, com mulheres diferentes, baseadas em coisas diferentes igualmente importantes para ele.

Por fim, quero abordar a questão de gênero, as representações sobre os papéis femininos e masculinos e a inserção da figura da *Outra* nesse contexto de representações.

Aparece fortemente no discurso dos entrevistados a definição da identidade feminina em termos de sua relação com o homem, como esposa ou amante. Apesar de estar trabalhando com um universo que compartilha de um *ethos* vanguardista, o grupo estudado está inserido dentro de uma cultura que, em seus próprios depoimentos, retratam como machista. Uma série de diferenças de gênero surge como resultante dessa cultura machista que estimula certos comportamentos masculinos e condena os mesmos comportamentos quando realizados por mulheres.

O que aparece com mais destaque nos depoimentos é a diferença entre a sexualidade masculina e feminina, sendo o homem percebido como “mais carnal, podendo relacionar-se só por tesão”, enquanto a mulher “é mais romântica, está sempre buscando um príncipe encantado, um companheiro para toda a vida”. A sexualidade feminina é considerada como essencialmente diferente da masculina, daí derivando uma moral que implica valores diferentes para a infidelidade do homem e da mulher, sendo “a infidelidade da mulher pior, já que ela tem que estar muito mais envolvida para transar com alguém. O homem não, ele pode transar e nunca mais lembrar da pessoa”. Esta diferença é percebida como biológica (por Bob) ou cultural (pelos demais).

A partir desta distinção entre a sexualidade feminina e a masculina decorre a percepção dos familiares de que Ana é profundamente apaixonada por Bob, enquanto ele pode estar com ela apenas para suprir as faltas de seu casamento (basicamente sexuais), ou como um passatempo.

A representação sobre as mulheres da família é construída em torno dos seguintes eixos: mulheres fortes, ousadas, decididas, poderosas, interessantes, transgressoras, conscientes, politizadas, independentes, autossuficientes, corajosas, livres. Mulheres que não aceitariam um papel de submissão e humilhação, como é o papel da *Outra*.

Esta representação de mulheres fortes é associada à dos homens fracos. Já no caso de Ana e Bob, ele é o forte, pois detém o poder de iniciativa e de decisão, e Ana a mulher fraca, que está sempre esperando e aceitando os limites que ele impõe.

A identidade de Ana é estreitamente relacionada ao seu papel como amante de um homem casado. Em torno desse papel são alocados atributos considerados negativos. “Ela não se valoriza. Ela é totalmente dependente dele. Ela não tem suficiente amor-próprio.”

Os atributos positivos de Ana aparecem como não condizentes com a aceitação do papel de *Outra*. “Ela é uma mulher linda, jovem, bem-sucedida profissionalmente, tem tudo para ter algo melhor.” Os familiares buscam entender o fato de Ana aceitar ser a *Outra* por meio de duas explicações básicas: “ela não se valoriza suficientemente porque foi uma menina muito desvalorizada intelectualmente na infância” ou porque “ela tem um temperamento que combina bem com essa situação: não sabe se dar, tem medo de arriscar e foge de um compromisso com maiores responsabilidades”. Buscam na personalidade, temperamento ou história psicológica de Ana as razões que justificam o fato de ela ser a *Outra*.

A situação de *Outra* é percebida como desejada por Ana, já que corresponde à forma dela ser e viver, já que recusa assumir as responsabilidades e riscos de um relacionamento mais completo e verdadeiro. A situação de *Outra* é, então, uma escolha, uma opção de Ana.

Em contraste com a situação de *Outra*, é colocada a situação da esposa. O foco central é que Ana é apenas um complemento do casamento de Bob (basicamente sexual) e pode ser substituída por outra mulher (mais jovem). Enquanto a esposa tem a segurança, as vantagens econômicas, o compromisso verdadeiro, Ana tem uma relação extremamente parcial, insatisfatória, sem gratificações e humilhante. Ana tem o que sobra da esposa.

A situação de inferioridade é agravada, de acordo com os entrevistados, porque Ana não pode ter iniciativa, tomar decisões ou mesmo realizar seus próprios desejos, já que depende totalmente dos limites impostos por Bob. Ele é seu chefe, seu superior hierárquico no trabalho e também (ou principalmente) na relação afetivo-sexual.

A identidade da mulher que é amante de um homem casado é percebida como desviante, já que prevalece a idealização do relacionamento amoroso em termos de companheirismo. Nada que possa ser vivido a três. Tanto a *Outra* como a esposa traída são percebidas como mulheres com relações parciais, incompletas, não satisfatórias, cabendo, do lado da primeira, as maiores desvantagens, inclusive o estigma social. Para o grupo estudado, os arranjos conjugais legítimos e desejáveis devem ser vividos a dois. Sendo a situação de *Outra* percebida como insatisfatória, surge a ideia de uma predisposição psicológica (temperamento, personalidade, história de vida) que justifica o fato de determinada mulher aceitar esse papel e outras, não. A família traça uma carreira de desvio para Ana, que tem sua inteligibilidade na desvalorização intelectual que ela sofreu na infância. Há toda uma racionalização baseada fundamentalmente na ideia de um sujeito psicológico que escolhe de acordo com sua maneira de ser.

A identidade da *Outra* é construída em contraste com um ideal de mulher como um ser forte, moderno, livre, independente, sujeito de suas escolhas. Da parte de Ana e Bob há uma busca, talvez comum a todo indivíduo estigmatizado, de valorizar sua opção por meio da crítica a outros casamentos, percebendo seu próprio “casamento” como moderno e baseado fundamentalmente no amor, no tesão e no entendimento psicológico.

A representação sobre o que é ser mulher nessa família é ferida por Ana, que aceita a posição de *Outra*. Além disso, esse tipo de conjugalidade contrapõe-se radicalmente ao ideal de casamento moderno, igualitário, já que lembra “o tempo dos coronéis, com a casa civil e militar, com a teúda e a manteúda”. O casamento moderno, baseado no amor, na escolha, no desejo mútuo, não tem (para os entrevistados) espaço para a *Outra*. Ana aparece como ocupando um papel que só tem sentido em um casamento tradicional, arcaico, superado. A *Outra* fere dois tipos de ideais do grupo estudado: um ideal de casamento moderno e um ideal de ser mulher.

Considerações finais

Gostaria, em primeiro lugar, de destacar a riqueza dos depoimentos, não somente em termos de quantidade, mas, principalmente, na qualidade de seu conteúdo. Tenho certeza de não ter explorado ao máximo esse material e acredito que cada leitor pode, ainda, encontrar novas reflexões e conclusões para este trabalho.

Em segundo lugar, quero ressaltar que retornei aos entrevistados, uma ou mais vezes, para eles avaliarem o resultado do trabalho, acatando suas críticas e sugestões. Também não trabalhei com informações que poderiam causar problemas de identificação dos entrevistados ou que revelassem segredos que me foram confiados. Muitas vezes, de acordo com eles, as entrevistas serviram como uma forma de terapia familiar.

Por último, quero registrar que (mesmo correndo o risco de não ter explorado ao máximo todas as reflexões que o material poderia sugerir) decidi aprofundar-me na questão da construção da identidade da *Outra*, seguindo uma linha de pesquisa que venho desenvolvendo nos últimos anos. Cumpre lembrar que não posso estabelecer uma tipologia da *Outra* a partir dos casos estudados, já que as variáveis envolvidas em cada um são múltiplas e, neste sentido, não generalizáveis. Acredito, no entanto, que abri inúmeras áreas de reflexão sobre a construção social da identidade feminina, sobre o comportamento desviante e sobre ideais de amor, casamento e fidelidade. Acredito, também, que revelei um desejo fundamental de grande parte das mulheres, esposas ou *Outras*: o de ser especial, inesquecível, insubstituível. O desejo de ser a única. Desejo completamente frustrado quando se (re)conhece a existência de uma outra mulher na vida do homem amado.

Finalizo sem uma conclusão definitiva, constatando que este estudo abriu um leque ainda maior de questionamentos que deverão ser aprofundados. Muitas portas permanecem abertas e novas pesquisas deverão ser feitas para enriquecer a compreensão sobre a mulher que é amante de um homem casado: a *Outra*.

Referências bibliográficas

- BECKER, Howard. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*. Nova York: The Free Press, 1966.
- BÉJIN, André. “O casamento extraconjugal dos dias de hoje” em *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERQUÓ, Elza. “A família no século XXI”. *Revista Ciência Hoje* (58), 1989.
- COLASANTI, Marina. *A nova mulher*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1980.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FIGUEIRA, Sérvulo. *Cultura da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- PITT-RIVERS, Julian. “Honra e posição social” em *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1965.
- REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SALEM, Tania. *Sobre o “casal grávido”: inscrição em um universo ético*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS/MN. Tese de doutorado, 1987.

EDIÇÕES BESTBOLSO

Alguns títulos publicados

1. *As melhores crônicas*, Fernando Sabino
2. *Os melhores contos*, Fernando Sabino
3. *Baudolino*, Umberto Eco
4. *O pêndulo de Foucault*, Umberto Eco
5. *À sombra do olmo*, Anatole France
6. *O manequim de vime*, Anatole France
7. *O poderoso chefão*, Mario Puzo
8. *O último chefão*, Mario Puzo
9. *Perdas & ganhos*, Lya Luft
10. *Educar sem culpa*, Tania Zagury
11. *O livreiro de Cabul*, Åsne Seierstad
12. *O lobo da estepe*, Hermann Hesse
13. *O jogo das contas de vidro*, Hermann Hesse
14. *A condição humana*, André Malraux
15. *Sacco & Vanzetti*, Howard Fast
16. *Spartacus*, Howard Fast
17. *Os relógios*, Agatha Christie
18. *O caso do Hotel Bertram*, Agatha Christie
19. *Riacho doce*, José Lins do Rego
20. *Pedro Páramo*, Juan Rulfo
21. *Essa terra*, Antônio Torres
22. *Mensagem*, Fernando Pessoa
23. *As vinhas da ira*, John Steinbeck
24. *A pérola*, John Steinbeck
25. *O cão de terracota*, Andrea Camilleri
26. *Ayla, a filha das cavernas*, Jean M. Auel
27. *O vale dos cavalos*, Jean M. Auel
28. *O perfume*, Patrick Süskind
29. *O caso das rosas fatais*, Mary Higgins Clark
30. *Enquanto minha querida dorme*, Mary Higgins Clark

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.